

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS**

PAULO VINÍCIUS GIACOMELLI

**MULHERES INVISÍVEIS: A PRODUÇÃO DE UM
DOCUMENTÁRIO**

Santa Maria, RS, Brasil

2017

PAULO VINÍCIUS GIACOMELLI

**MULHERES INVISÍVEIS: A PRODUÇÃO DE UM
DOCUMENTÁRIO**

Projeto experimental apresentado à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas

Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho

Santa Maria, RS, Brasil

2017

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Comunicação Social – Relações Públicas

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o projeto experimental

MULHERES INVISÍVEIS: A PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO

Elaborado por PAULO VINICIUS GIACOMELLI

Comissão examinadora

Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho Orientador (UFSM)

Profa. Dra. Aline Dalmolin (UFSM)

Mestranda Débora Flores Dalla Pozza (UFSM)

Santa Maria, dezembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Ao fim desses quatro anos de dedicação, não faltam pessoas para agradecer. Cada um foi importante em um determinado tempo vivido no curso. Sei que não poderei referenciar todos, mas farei o possível para inserir aqui todos aqueles que contribuíram para a minha formação.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pela vida que me deu, por todas as dificuldades que Ele me permitiu passar, eu não seria quem sou se não tivesse passado pelas aflições que passei. Então até mesmo pelas dificuldades, obrigado Deus.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, que me educaram e me deram suporte durante a minha vida. Às minhas irmãs, as quais eu amo muito, que me fizeram ver o mundo de forma diferente e me inspiram a viver melhor. Aos meus tios Fernando e Leila, que me incentivaram desde criança a ler e estudar, sem eles eu com certeza não teria me formado. À minha companheira, Mariana, que me deu suporte e apoio em vários momentos difíceis e acreditou em mim e na realização desse trabalho.

Aos meus professores, que me deram o conhecimento e me proporcionaram a experiência, sempre me incentivando a criar e inovar, me moldando como profissional e pessoa. Em especial ao Professor Flavi, que acreditou na realização desse documentário, à professora Jaqueline, que foi como uma mãe para mim durante o curso, à professora Elisangela que me deu muito apoio e suporte durante toda a minha graduação e aos demais professores que marcaram a minha vida não somente com aulas, mas com conhecimento.

Aos técnicos, Manuela, Felipe (Bob), Diego, Rafael (Barbicha), que no Estúdio 21, me proporcionaram aprender não só sobre filmagem ou edição, mas sobre a vida, me dando um olhar criterioso e detalhista que eu antes não tinha.

Aos meus colegas, com quem passei os momentos mais alegres e os mais desafiadores. São muitos os agradecimentos aqui, mas primeiramente agradeço ao grupo "RP Proibidão", ao Eduardo, Matheus Laguna e Nathan. Muito obrigado meus amigos, certamente vocês são um presente que eu levarei no peito para o resto da vida.

Aos “Jaguaras”, Camilla, Ariele e Juliana, que me acompanharam e fizeram parte da minha história dentro da Universidade. O curso não seria o mesmo sem vocês. Obrigado gurias, tenho vocês como mais três irmãs que a vida me deu.

Aos demais colegas de RP e de outras habilitações, em especial ao “GELIOL”, o melhor grupo “multihabilitação” da universidade! Certamente eu fiz muitos amigos durante a graduação e sou muito grato a Deus pelas pessoas maravilhosas que Ele colocou em meu caminho.

Aos colaboradores desse projeto, Julien Moretto, Laura Bastos e Anderson Rocha que me auxiliaram em todas as dificuldades, entregando-me seus tempos e até seus objetos pessoais. Muito obrigado.

Às melhores atrizes da FACOS, Camilla Avila, Júlia Custódio e Francine Escobar. Muito obrigado pela paciência e dedicação de vocês. A colaboração de vocês foi essencial para que isso acontecesse.

E finalmente, eu dedico esse trabalho para aquelas mulheres que colaboraram comigo de forma anônima, em conversas por telefone, *whatsapp* e pessoalmente e que me deram relatos preciosos de suas vidas. Sem vocês nada teria realmente sentido! Eu dedico esse trabalho a todas as mulheres invisíveis!

Obrigado.

RESUMO

Este projeto experimental tem como objetivo geral compreender e avaliar, através da realização de um documentário, a realidade da prostituição em Santa Maria e, em alguma medida, refletir aproximações e divergências com representações midiáticas da profissão, a partir da fala e da visão de mulheres cis envolvidas em situação de prostituição. Afim de fundamentar teoricamente esse projeto, elencamos os conceitos básicos dos Estudos Culturais, cultura e identidade, gênero e prostituição bem como o um breve levantamento histórico da prostituição no Brasil e no mundo. Na segunda etapa, busca-se construir uma análise metodológica empírica, a fim de selecionar e examinar os recortes feitos dos veículos de mídia do Brasil, sejam eles factuais ou documentais. Na terceira e última etapa do projeto, discorreremos sobre todo o percurso de produção do documentário nos aspectos técnicos e práticos da produção e apresentamos os resultados da pesquisa, onde ligeiramente traçamos um panorama geral da prostituição na cidade de Santa Maria.

Palavras Chave – Prostituição; mídia; comunicação; identidade; estudos culturais.

ABSTRACT

This experimental project has its general objective to understand, through the making of a documentary, how the representation of prostitute cis women occurs in the media. Through the vision of cis women involved in prostitution, we propose to show the reality of their lives in the city of Santa Maria. In order to theoretically justify this project, we set out the basic concepts of Cultural Studies, culture and identity, representation, gender and prostitution as well as a brief historical survey of prostitution in Brazil and in the world. In the second stage, we seek to construct an empirical methodological analysis in order to select and examine the cuts made by Brazilian media vehicles, whether factual or documentary. In the third and last stage of the project, we discussed the whole production process of the documentary in the technical and practical aspects of the production and presented the results of the research.

Keywords – Prostitution; media; Communication; identity; cultural studies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Morena na cena onde é leiloada como prostituta.

Figura 2 – Cena das vítimas do tráfico de pessoas na boate onde são obrigadas a se prostituir.

Figura 3: Juliana Paes, a protagonista, interpreta Gabriela.

Figura 4: O Bataclan e suas acompanhantes.

Figura 4: Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, em “beijo lésbico”.

Figura 5: Cenas de Nudez e uso de drogas em Verdades Secretas

Figura 6: As personagens Jessica, Daiane e Sabrina fazendo as unhas na comunidade onde vivem.

Figura 7: Fases vividas pela protagonista Debora Secco no filme Bruna Surfistinha.

Figura 8: Profissão Repórter. Caco Barcellos introduz o assunto abordado no episódio: “A Realidade da Prostituição”

Figura 9: Programa A Liga “A Realidade da Prostituição”

Figura 10: Repórter Record – “O Submundo da Prostituição”

Figura 11 – Plano geral

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. CULTURA, PROSTITUIÇÃO E DOMINAÇÃO MASCULINA.....	11
2.1. Cultura.....	11
2.2. Identidade.....	12
2.3. Histórico da Prostituição.....	14
2.4. Histórico da Prostituição no Brasil.....	17
2.5. Relações de Dominação Masculina e exploração sexual.....	19
3. METODOLOGIA.....	24
3.1 Pesquisa Documental.....	24
3.2 Pesquisa de Mídia.....	24
3.3 Pesquisa de Campo.....	26
4. DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO EXPERIMENTAL.....	27
4.1. Resultado das pesquisas de Mídia Ficcional.....	27
4.1.1. Telenovelas.....	27
4.1.2. Minisséries.....	34
4.1.3. Filmes.....	36
4.2. Resultado das pesquisas de Mídia Documental.....	40
4.3. Resultado das pesquisas de campo.....	43
4.4. O processo de realização do minidocumentário.....	49
4.4.1. Aspectos Técnicos da Produção.....	50
5. CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICES.....	60

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é realizar um minidocumentário sobre a realidade da prostituição feminina cis, gênero adulta em Santa Maria - RS. Buscamos analisar as representações sociais que os veículos de mídia hegemônica fazem das prostitutas e da prostituição.

No tempo em que vivemos, urge a imensa necessidade de entendermos como vivem as mulheres que ganham a vida com a prostituição no Brasil. Averiguando não só os temas específicos da prostituição, mas também o modo de vida dessas mulheres que diariamente travam uma luta que vai muito além da sobrevivência. A luta contra o preconceito de gênero, classe, cor, credo e moralidade de uma sociedade cada vez mais decadente e excludente.

Tal necessidade retrata a dicotomia que enfrentamos atualmente na qual, por um lado, temos o acesso a informações que perpassam diversas temáticas e áreas de conhecimento. Porém, por outro lado, nos deparamos com informações excludentes e pré-selecionadas, em que obtemos uma falsa impressão de que, por termos acesso, já sabemos de tudo. Esquecendo-nos da invisibilidade que a própria informação seletiva gera em seu âmago, invisibilidade essa que não atinge só coisas, mas também pessoas.

Todos os dias, a medida que somos bombardeados de informações sobre como vivem os famosos e demais personalidades pelo mundo, obscurecemos e ignoramos informações sobre outras tantas pessoas que sequer entendemos como vivem. E que, por vezes, quando necessitamos representá-las geralmente caímos em representações preconceituosas e estereotipadas induzindo e fantasiando a realidade tão complexa e rica de outros.

Com o intuito de entender a realidade dessas mulheres prostitutas e como estas estão situadas no cenário social, é necessário discutir as representações sociais que delas são feitas, bem como as formas de construção e de reprodução de ideias, valores e imagens a respeito da mulher prostituta, para assim traçar um panorama geral de sua representação que deve fugir de quaisquer preconceitos e estereótipos.

Desse modo, uma vez analisado o teor das representações encontradas na mídia a respeito da prostituição e da mulher cis prostituta, buscamos encontrar entrar em contato com mulheres prostitutas a fim de entrevistá-las. Tarefa árdua, que exige um demasiado empenho, uma vez que tais mulheres encontram-se em situação de invisibilidade, sendo esta de caráter geral, não somente são invisíveis perante a mídia, mas perante toda uma sociedade que, devido ao preconceito, as obriga a obscurecerem o modo como ganham a vida. Isso faz com que tenham ter suas identidades associadas a atividades de prostituição, mesmo que tais atividades assegurem a sua sobrevivência. Uma vez tendo encontrado e entrevistado essas mulheres se inicia o processo de construção do minidocumentário que pretende entender e dar voz as mesmas.

Assim, dotados do entendimento do que diz a mídia acerca da prostituição, somado ao conhecimento de como se dá a prostituição em um âmbito geral aliado ao discernimento de como esta organiza e atua na região geográfica da pesquisa, tendo ainda buscado os relatos das mulheres envolvidas na prostituição, podemos considerar que o problema da pesquisa, e o que visa representar o minidocumentário, é o modo de vida, as dificuldades, os problemas e os anseios do cotidiano das mulheres prostitutas em Santa Maria. Considerando a mulher prostituta como a protagonista dessa realidade.

2. CULTURA, PROSTITUIÇÃO E GÊNERO

2.1. Cultura

Historicamente os conceitos de cultura surgem das classes mais altas, normalmente das classes dominantes de uma sociedade. Tal como na Idade Média, onde os costumes do clero ou dos senhores feudais eram apropriados pelos camponeses e trabalhadores ao redor do reino. Nos países que tiveram um regime monárquico muito longo, ainda podemos ver resquícios desse fato. Prova disso é o chamado “Chá das cinco”, no Reino Unido, todo o Reino adotou tal fato como cultura a partir de um simples costume da aristocracia local. No século XIX até mesmo nas colônias mais distantes como Índia e Bahamas a tradição era seguida fielmente. Hoje, o horário fixo não é obrigatório, mas o hábito de tomar um lanche no meio da tarde regado a muito chá, pães e doces permanece intacto, com menos ou mais formalidade.

Através desse exemplo, podemos ver claramente que há uma imposição cultural vinda das classes mais altas, que ditam hábitos cotidianos para as demais classes. No entanto, os costumes das classes dominadas e a maneira como elas vivem trazem hábitos de resistência em seu âmago, que resultam na produção de uma cultura própria, mesmo que para as classes altas ela não fosse considerada como cultura.

Para alguns pesquisadores desse vasto campo dos Estudos Culturais, ainda existem outras definições de cultura que abrangem mais aspectos do que só apenas práticas consolidadas por uma classe social. Segundo Willians a cultura é um modo inteiro de vida que abrange todas as complexidades do indivíduo. Para ele, esse sistema complexo que envolve a cultura não pode ser alterado em apenas um ponto isolado sem que esse afete outros, pois segundo o autor, a mudança social nunca é parcial e isolada. Cevalco (2008, P.110) comenta a respeito das formulações desse autor.

Williams se apropriou da noção, antes mais corrente em antropologia, de cultura como um modo de vida justamente para demonstrar que se trata de algo comum a toda sociedade, que inclui, além das grandes obras modos de descoberta e de criação, os significados e valores que organizam a vida comum.

Entende-se então a complexidade do termo cultura e a composição teórica/científica profunda que está arraigada ao seu conceito. Uma vez que a partir do momento que se produz algum tipo de cultura e esta é modificada em

um mínimo aspecto, modifica-se todo o seu conjunto de relações. Conforme Gomes (2011) cita, “em outros termos, o que a classe trabalhadora produziu foi todo um modo de vida”, então, desde o instante que a classe mais baixa começou a produzir cultura, ela passou a modificar o seu estilo de vida, deixando de serem meros receptores para serem produtores culturais em seus inúmeros sentidos. Esse modo de vida que Willians fala não significa que seja a forma de morar, vestir ou de aproveitar o lazer, mas sim nas formas de conceber a natureza da relação social (GOMES, 2011).

2.3. Identidade

Outro ponto estudado nos EC é a definição de identidade. Já vimos que historicamente identidade e cultura vivem juntas e se mesclam mutuamente através dos séculos. Em outros tempos, os indivíduos se encaixavam socialmente em suas determinadas identidades que eram ditadas por sua classe, local onde vivem, o que podiam consumir, com quem conviviam, entre outros aspectos.

Com o advento da modernidade e uma vez essa consolidada dentro das sociedades, os aspectos indenitários passaram a ter um novo sentido. Devido as mudanças sociais, o homem passou a se comunicar mais, visitar outros lugares e principalmente ter contato com outras culturas. Isso resultou na quebra das identidades sólidas que existiam antes. Dessa forma, uma determinada pessoa que antes nascia em uma determinada classe estava destinada a frequentar os lugares que a sua classe frequentava e se portar como a sua classe se portava. Agora, esta pessoa não está fadada a tal fato, pois tem condições de entrar em contato com diferentes culturas, em diferentes lugares, sob diferentes perspectivas que mudam o quadro inicial.

É o que afirma Stuart Hall (2006), a identidade do homem da sociedade moderna era bem definida e apenas com a mudança na estrutura da sociedade as identidades foram se tornando fragmentada. Passamos a não ser formados apenas de uma única, mas de muitas identidades, identidades culturais de classe, de sexualidade, de etnia, de raça, de nacionalidade, entre outros (HALL, 2006).

Nesse sentido de formação de identidade que os Estudos Culturais também se destacam. Uma vez que os EC levam em conta as culturas das camadas mais baixas da sociedade, bem como a identidade do indivíduo que

nelas se insere. É importante salientar que a constituição de uma identidade passa por diversos aspectos pessoais e sobre tudo culturais. Quando evocamos o conceito de identidade, devemos aceitar o sobreposto que nenhuma identidade é constituída no vazio social, mas todas elas estão inseridas dentro de um conceito social amplo e diversificado, onde cada fator ou fato social (DURKHEIN, 1999), deve ser levado em conta na análise da formação de identidade de um sujeito.

Aplicando esses conceitos na sociedade pós-moderna, podemos observar uma variância enorme no número dessas identidades e na maneira como se constituem. Uma vez que o meio social onde cada indivíduo está inserido é mais complexo a cada dia. A constituição de uma identidade se define a partir de sistemas culturais. Ou seja, através do “sentimento de pertencimento de realidades” e do “conjunto de significados compartilhados” (CANCLINI, 1995; HALL, 2001; KELLNER, 2001; BAUMAN, 1999). Nesta perspectiva, a identidade é compreendida como culturalmente formada, um posicionamento e não uma essência, ligada à discussão das identidades culturais, nacionais e as que se formam por sentidos mutáveis e contínuos do cotidiano do sujeito (HALL, 1996). “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 70). Portanto, a identidade cultural são as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica e essa como identidade pode se transformar e “re-transformar” através dos tempos.

Além dos aspectos culturais intrínsecos em cada sociedade, questões referentes a gênero, permeiam o moldam aquilo que entendemos como prostituição. As relações de gênero por vezes são conflitantes, onde, por exemplo, dentro do histórico da prostituição, vemos que esses conflitos serviram para estimular, regulamentar e instituir o que é a prostituição e quem são as prostitutas. É o que veremos dentro desse capítulo que aborda o histórico da prostituição no mundo e no Brasil.

2.4. Histórico da Prostituição

A fim de entender como acontece a prostituição discorre-se brevemente sobre a origem do termo e o seu histórico no mundo.

A origem etimológica da palavra “prostituta” vem do Latim “*prostitute*” que significava “expor-se em público”, de PRO, “à frente”, mais “*statuere*” (mesmo termo grego que dá origem a palavra estátua), “fazer ficar em pé, estabelecer”. Na Roma antiga, as mulheres que atuavam como prostitutas ficavam em frente aos prostíbulos exibindo seus corpos para atrair clientes. Outro termo também originado na Roma antiga e que é conhecido em parte do Brasil, geralmente é usado para definir a mulher prostituta é “Ramera”, que também tem a origem no Latim advindo da palavra “*Ramus*” (galho de árvore). Também na Roma antiga, em épocas em que ainda era impossível fazer uso das conhecidas “luzes vermelhas” à porta das casas de prostituição, se pendurava um ramo de árvore sobre elas como indicativo, daí a origem do nome pejorativo “Rameira”.

Anteriormente na história, mais precisamente na pré-história a mulher estava no centro de toda atividade social, pois era vista, por muitas civilizações e tribos, como uma incorporação viva de uma deusa. E em alguns casos era considerada e atuava como sacerdotisa, que proporcionava o elo entre a comunidade e sua divindade através de rituais que envolviam, entre outras práticas e atividades sexuais (ROBERTS, 1998).

O surgimento das grandes civilizações também se deu através de um expansionismo religiosos, em que, os deuses das civilizações mais fortes dominavam os demais. Foi na Mesopotâmia e no Egito que surgiram as primeiras representações de deuses como figuras masculinas misturadas com corpos de animais, o que colocou a representação das divindades (masculina e feminina) em contraponto. Os povos dominantes a fim de se contraporem à influência das religiões representadas por deusas femininas, instituíram sacerdotes homens a fim de promover seus deuses e controlar as mulheres. Nos rituais de celebração religiosa, os sacerdotes homens que representavam os deuses praticavam atividades sexuais com mulheres escravizadas. É a partir daí que começa a verdadeira história da prostituição, com os sacerdotes do templo “usando” mulheres que apenas serviam para satisfazer as necessidades religiosas dos povos dominantes.

Na Grécia Antiga, a casa onde se exercia o comércio sexual era chamada *porneion*, sua finalidade era “satisfazer as necessidades do povo”. Ali, viviam as chamadas “prostitutas vulgares”, na maioria das vezes escravas, que pagavam um tributo e dependiam da autoridade dos magistrados que vigiavam à sua maneira de proceder. Existia ainda na Grécia outra classe de prostitutas, superiores hierarquicamente a essa, eram a das *hetairas*, mulheres livres, cultas e famosas, que recebiam em suas casas os políticos, os generais, os filósofos e os poetas que compunham a alta sociedade grega (ROBERTS, 1998).

Foram os romanos, ainda na antiguidade, que instituíram uma espécie de registro estatal das prostitutas, as quais passaram a pertencer a duas categorias: as prostitutas registradas e não-registradas (ROBERTS, 1998). As registradas pagavam impostos ao Estado e assim se tornavam fontes de lucro, podendo exercer as suas atividades de forma livre. As prostitutas não-registradas eram quase sempre escravas que permaneciam nos prostíbulos presas em pequenas celas, aguardando os homens da classe social mais baixa da sociedade romana.

Na Idade Média, havia uma tolerância social da atividade sexual masculina pré-matrimonial e extraconjugal. Isso fazia com que a prostituição fosse vista como um “mal necessário”, um meio prático de permitir que os jovens de todas as classes afirmassem sua masculinidade e aliviassem suas necessidades sexuais, enquanto se evitava que estes se aproximassem de esposas e filhas dos nobres, desestimulando os estupros e desencorajando as tendências à homossexualidade (RICHARDS, 1990). Esse cenário foi bem retratado pelo glossarista de Santo Agostinho do século XIII, quando afirmou que a prostituta era necessária para organizar os desejos masculinos como “o esgoto no palácio”, pois se fosse retirado o esgoto, o palácio inteiro ficaria contaminado.

Mais à frente na história, no século XVIII, os médicos higienistas, passaram a utilizar procedimentos para reprimir os diversos “males” provenientes da prostituição. Nessa perspectiva, as prostitutas eram responsáveis pela degradação física e moral da família higienizada, sendo as principais difusoras de doenças venéreas, como a sífilis. A partir daí, houve a necessidade de uma intervenção preventiva em relação à prostituição, pois

ainda não havia ferramentas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, e a proliferação de tais doenças poderia causar contaminação em massa. Dessa forma, entra em vigor uma política sanitária estabelecendo uma regulamentação isolacionista que tolerava o meretrício apenas no bordel, aliada à repressão à prostituição de rua (MACHADO, LOUREIRO, LUZ & MURICY, 1978).

Com o acontecimento da Revolução Francesa e cronologicamente o fim da idade moderna, a posição feminina pouco mudou na sociedade europeia, permanecendo restrita à de mulher do lar e prostituta. Pregava-se a igualdade, a fraternidade e a liberdade, mas tais conceitos abrangiam apenas aos homens brancos e livres. Mulheres, negros, homossexuais, dentre tantos outros, continuavam tendo “menos direitos” e ainda, na maioria das vezes, eram excluídos das esferas sociais (TRIZOLI e PUGA, 2005).

Todavia, segundo Foucault (1988), nessa época o poder repressivo se ampliava a todos, devido ao surgimento do capitalismo e o fortalecimento do absolutismo como forma de governo. O que marca nessa época é que todos (homens e mulheres) passam a ter sua sexualidade submetida ao controle do sexo em função do “bem” de uma sociedade em que a virtude dos cidadãos consistiria na forma como cada qual utilizava o sexo.

Mais à frente na história, no século XVIII e XIX que incorporam historicamente a Idade Contemporânea, temos um período marcado por profundas e grandes mudanças, boas e ruins, que trazem à sociedade sobretudo, crises econômicas, políticas e sociais. Surge aí uma sociedade enferma, pois o processo industrial traz consigo um considerável crescimento urbano sem controle e planejamento, advindo de movimentos migratórios da população rural, que formam a grande população pobre e proletária das cidades. Isso resulta em um crescente aumento de delitos contra a propriedade e contra as pessoas, pois cada vez mais aumenta o crescimento da população empobrecida e concentrada nos grandes núcleos urbanos.

Frente a este cenário, o alcoolismo, a prostituição, o roubo são algumas respostas dadas ante a normalidade imposta por uma sociedade progressivamente industrializada. Criminosos, prostitutas e ladrões integravam a paisagem urbana, como realidades visuais numericamente consideráveis.

Atualmente, embora as revoluções sexuais e feministas, nas décadas de 1970 e 1980, trouxessem uma nova perspectiva para as mulheres em termos de igualdade social e política, para as prostitutas persiste o padrão de exclusão, discriminação e violência, o qual reflexivamente é alimentado por representações sociais muito negativas da prostituição e a respeito do estereótipo da mulher prostituta.

2.5. Histórico da Prostituição no Brasil

Para entender a situação da prostituição em nosso país, também é necessário falar de história. Historicamente no Brasil, a prostituição está presente desde o período colonial quando os primeiros colonizadores portugueses aqui chegaram.

Inicialmente, os portugueses mantinham relações sexuais com as índias, e acabavam assim, tendo laços reforçados (parentesco), com os nativos (RIBEIRO, 1995). Devido ao fato de estarem se multiplicando com rapidez e preocupado com a miscigenação racial que se proliferava o Padre Manoel de Nóbrega, responsável pelos Jesuítas no Brasil, pediu ao Rei em 1549, que mandasse vir mulheres brancas portuguesas para que pudessem se casar e se reproduzir com os colonizadores com a finalidade de tornar a raça branca prevalente e que a cultura portuguesa fosse reproduzida na colônia.

Com o passar dos tempos, não só mulheres brancas portuguesas chegaram ao Brasil, mas mulheres negras escravizadas de diversas regiões do continente africano. Devido ao aumento da população feminina, e isso atrelado a outras situações históricas, bordéis começaram a ser instalados nas cidades mais populosas. Com o descobrimento de ouro no século XVII, em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, a população de colonos vindos da Europa com o intuito de enriquecer aumentou e junto deles, mais mulheres também chegaram ao Brasil (RIBEIRO 1995).

Ao longo dos séculos, a colonização do Brasil se deu através da violência, abuso, repreensão e corrupção, dentre esses fatores a mulher foi a que mais sofreu. O processo de abolicionismo também se deu através de um discurso de higienização da população, uma vez que a maioria das prostitutas eram negras ou mestiças. Na época, baseados nos discursos médicos europeus, buscava-se implementar um sistema higienista e “regulamentarista”,

no qual, segundo Ribeiro (1995), a prostituta era obrigada a realizar exames periódicos e sofria sanções administrativas caso apresentasse algum mal contagioso, chegando a ser internada no hospital em alguns casos. Rago (1997), complementa que o objetivo era controlar a nova “economia do sexo”, disciplinando a prostituição a fim de impedir que a mulher prostituta manifestasse de forma aberta o seu comportamento sexual.

Todas essas tentativas de implementação não surtiram efeito e como consequência disso, algumas definições e estereótipos das mulheres prostitutas se formaram em decorrência dessa política higienista fracassada. Rago (1997), descreve alguns traços da mulher prostituta na visão dos médicos. Segundo eles, essas mulheres são a “encarnação” da preguiça, a aversão ao trabalho e a perseguição desenfreada do prazer. Diferentemente da esposa honesta, a mulher da vida tem um apetite sexual exaltado, inato e incontido, que leva a precocidades na prática de perversões, ou mesmo ao coito. É burra e ignorante, leviana, inconstante, volúvel, irregular e adora o movimento e agitação das casas noturnas. É instável física e espiritualmente e adora os excessos: álcool, fumo e sexo.

As prostitutas que não eram inscritas ou registradas passaram a ser perseguidas e a operar de forma clandestina. Além disso, o método higienista de vigilância da prostituição comportava inúmeras falhas e visava apenas a mulher prostituta que era perseguida por um tipo de relação em que os homens também estavam envolvidos e nem por isso eram autuados. Isso aumentou a prostituição “ilegal”, reforçando o estereótipo que foi propagado pela sociedade médica (RAGO, 1997).

Com o passar dos anos, outras tentativas de controlar a prostituição foram feitas pelo governo brasileiro em vários estados, mas todas aparentemente sem sucesso. Só com a organização das prostitutas em categorias é que foi possível um avanço no que diz respeito à política frente a prostituição. No ano de 1987, no Rio de Janeiro, ocorreu o primeiro encontro nacional das prostitutas, em que foi criada a Rede Brasileira de Prostitutas cuja missão é promover a articulação política do movimento organizado de prostitutas e o fortalecimento da identidade profissional da categoria, visando o pleno exercício da cidadania, a redução do estigma e da discriminação e a melhoria da qualidade de vida na profissão.

Guimarães (2008) afirma que alguns benefícios políticos e sociais foram alcançados a partir desse encontro, como o reconhecimento das Profissionais do Sexo no Código Brasileiro de Ocupações em 2008, as campanhas de prevenção de DST e AIDS e, na primeira década do século XXI, o lançamento da grife Daspu, que utiliza as Profissionais do Sexo como modelos de divulgação das roupas.

Nos últimos anos, o debate sobre a legalização da prostituição teve mais foco na mídia e perante a sociedade. Existem propostas de Emendas Constitucionais pretendendo transformar a prostituição em uma atividade legalizada, baseando-se no modelo “regulamentarista” alemão (na Alemanha a prostituição é legalizada). Cabe lembrar que a prostituição no Brasil não é ilegal, pois não há lei que proíba uma mulher de usar seu corpo para ganhar dinheiro.

Segundo o Código Penal Brasileiro, é crime: a prática do lenocínio, rufianismo e tráfico de mulheres, ou seja, induzir alguém a satisfazer a lascívia¹ de outrem, induzir ou atrair alguém para a prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone, manter uma casa destinada a encontros para fins libidinosos, e promover o trânsito de prostitutas através de fronteiras (artigos 227, 228, 229 e 230).

2.6. Relações de Dominação Masculina na Exploração Sexual

Muito além da história da prostituição está a relação da prostituição com a exploração sexual, junto a isso estão as relações de gênero e dominação que tais abusos remetem e que muitas vezes são esquecidos, deixados de lado, tal como o “lado negro” da prostituição. Não falar da exploração é negar a realidade em que a prostituição está inserida e de como foi constituída historicamente.

Dentro do que pode-se chamar de realidade da prostituição, diversas práticas irregulares são desenvolvidas, dentre elas a exploração sexual, o tráfico de mulheres, o tráfico de drogas e a mercantilização dos corpos. Todos esses fatos se unem formando um universo de abusos e desigualdades que as mulheres prostitutas enfrentam todos os dias.

¹ Caráter do que está marcado pela sensualidade ou do que produz a propensão para a sensualidade; impudícia.

O contexto atual em que vivemos nos coloca frente a grandes paradigmas como a globalização, pós-modernidade e o neoliberalismo econômico, o que reforça a ideia do “ser humano mercadoria”. Nesse ponto, a chamada “industrialização do sexo” aliada a globalização traz inúmeros problemas, como por exemplo:

[...] estima-se que, em 2002, a prostituição gerou lucros de 60 bilhões de euros e a pornografia, 52 milhões a cada ano, cerca de 500 mil mulheres vítimas do tráfico para fins de prostituição são colocadas no mercado... estima-se que, do comércio de seres humanos, 90 % são destinadas à prostituição. (Adital, 2009)

Através desses números podemos entender o quão lucrativo é o mundo da prostituição e da exploração. E infelizmente, segundo Farias (2005), alguns discursos atrelados à independência do corpo feminino podem estar colaborando para as causas que dão origem à exploração sexual de mulheres e crianças e fortalecendo a existência e o crescimento das redes do crime organizado, que se sustentam através da violência familiar e situações de exclusão social, tornando o problema ainda maior. Para se ter uma ideia da gravidade, alguns levantamentos têm sido feitos e estimam que:

O tráfico de pessoas arrecada anualmente cerca de 32 bilhões de dólares. Em 2005, calculava-se que, no âmbito mundial, 2,4 milhões de vítimas de tráfico de pessoas estiveram trabalhando em condições de exploração, segundo manifestou a Organização Internacional de Migrações. Em todo o mundo, cerca de quatro milhões de mulheres e meninas são vendidas a cada ano para serem submetidas à escravidão e à prostituição. Apenas em 2002, afirma um estudo da Unicef, 1,2 milhão de crianças foi traficada internacionalmente com fins de exploração sexual ou laboral. Mais recentemente, na América Latina, dois milhões de meninas, meninos e adolescentes foram vítimas da exploração sexual comercial e laboral, dentro e fora das fronteiras de seus países de origem (Adital, 2009).

De acordo com Libório (2004), existem quatro modalidades criminosas que se associam a prostituição a fim de gerar renda, que são além do tráfico de drogas, as seguintes: prostituição infantil, pornografia, turismo sexual e tráfico de pessoas. Essas quatro modalidades estão correlacionadas e geram um “ciclo vicioso” que promove ainda mais a violência, principalmente contra mulheres, e para aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

A modalidade da Pornografia tem como definição a exposição de atividades sexuais explícitas, sejam elas reais ou simuladas, com mulheres, homens, crianças e adolescentes, como também a exposição das partes de seu corpo ou de sua genitália, com objetivos sexuais. O seu conteúdo é amplamente divulgado na internet e não só em materiais já considerados como pornográficos, mas também na literatura, fotografia, publicidade ou cinema ao apresentar situações em que crianças ou adultos sejam expostas, desejadas ou usadas sexualmente. Estima-se pouco mais de um terço do conteúdo disponível na internet advinha da pornografia.²

A modalidade do turismo sexual, que é muito comum no Brasil, envolve o comércio sexual em cidades turísticas, articulado por uma rede de agências, bares, boates, hotéis, restaurantes, taxistas e outros. De acordo com Faleiros (2004), o turismo sexual é a forma de exploração sexual que mais envolve atividades econômicas e possibilita, com mais facilidade, o acesso da população jovem empobrecida ao consumo, favorecendo, conseqüentemente, a sua inclusão social, principalmente de adolescentes. O que se torna o maior atrativo nessa área.

Já o tráfico de pessoas, segundo Faleiros (2004), foi definido pelas Nações Unidas como uma ação clandestina e ilegal de pessoas, entre países, com o objetivo de forçar meninas e mulheres a participarem de atividades sexuais exploradoras ou opressoras, com fins lucrativos para aliciadores, traficantes e o crime organizado. De acordo com Leal (2004), o governo dos Estados Unidos calcula que a exploração sexual é a maior causa para o tráfico internacional. Nessa modalidade, as pessoas são envolvidas não só nas práticas sexuais, mas também no trabalho forçado e escravo, tráfico de órgãos e adoção. Tal prática, pode ser considerada uma forma moderna de escravidão que exige estratégias de enfrentamento que envolvam não só a responsabilização do agressor, mas também do Estado e da sociedade.

Todas essas categorias envolvem em algum nível a exploração sexual, seja de adultos como de adolescentes. Vale ressaltar que na maioria dos casos as vítimas são mulheres entre 13 e 27 anos, e que mesmo que haja pagamento

² Extreme Tech, site americano especializado em pesquisas de internet e tecnologia. Acesso em 25 de maio de 2017. Disponível em: www.extremetech.com/computing/123929-just-how-big-are-porn-sites

pelo usufruto sexual, o que caracteriza a prostituição, não necessariamente essa ocorre, uma vez que não há o consentimento da prostituta.

De acordo com Leal (1999), no Brasil a exploração sexual tanto de menores, quanto de mulheres adultas se manifesta, basicamente, em quatro formas. Na primeira, a exploração comercial acontece em lugares fechados, com maior frequência em regiões onde há um mercado de extração de minérios, como nos garimpos, que normalmente envolve o cárcere privado, vendas, tráfico, leilões de virgens, mutilações, desaparecimento, prostituição nas estradas e em portos marítimos. A segunda refere-se à exploração de crianças e adolescentes em situação de rua e/ou vítimas de violência doméstica. Na terceira, a exploração acontece por meio do turismo e da pornografia, ocorrendo com maior frequência em regiões com alto fluxo de pessoas, como nas capitais do Nordeste, Sudeste e outros centros. A quarta manifesta-se no turismo portuário, em regiões do norte banhadas por rios navegáveis, e nas fronteiras nacionais e internacionais do centro-oeste.

Todos esses tipos de exploração ressaltam os efeitos da dominação masculina e da opressão sofrida por mulheres e adolescentes. No Brasil, o contexto de exploração e a dominação masculina está inserido na estrutura social em que vivemos. A respeito disso, Pierre Bourdieu (2003) afirma que essa dominação é tão intrínseca em nosso meio, e por vezes tão sutil que não a percebemos, e pior, simplesmente a aceitamos, pois ela não está arraigada somente dentro das casas, mas está em cada parâmetro da sociedade.

Saindo do lar doméstico, encontramos o androcêntrico atravessando, também, a formação do pensamento, nas ciências e na filosofia. A divisão entre os sexos parece estar na ordem social e das coisas, nesse sentido a dominação masculina é tão sofisticada que dispensa justificativas, é como se essa visão de mundo fosse neutra e não tivesse necessidade de explicar-se. (BOURDIEU, 2003, P 35)

Segundo o autor, a ordem social em que vivemos é uma grande máquina que legitima e reproduz essa dominação. É verdade que existem separações naturais nos sexos, no entanto, essas distinções genéticas são normalmente distorcidas, colocando a mulher sempre como o “lado mais fraco”, o “sexo frágil” ou a parte mais “sensível e fraca”. Para Bordieu (2003), essa dominação está presente e se manifesta diariamente através de diversos

“canais” que repercutem essa dominação. Nas instituições essa dominação é mais visível, mais perceptível. Através do estado, da igreja, da família e das demais instituições que compõem as estruturas sociais essa dominação se legitima. Mas ela ainda é mais profunda que isso, está presente na linguagem, no pensamento, e por fim, expressada na violência simbólica que alicerça os padrões de dominação.

Com isso, temos a situação da própria violência com que se dá essa dominação, violência essa que é, em muitos casos, vivenciada pelas mulheres prostitutas, que no exercício das suas funções, sejam elas legais ou não, se expõem a situações de dominação extrema, onde por vezes chegam a ser maltratadas, humilhadas e até espancadas. A exemplo disso Bordieu (2003), ressalva:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação. (BOURDIEU, 2003, p7).

Quando aguçamos o nosso olhar para essas questões, percebemos que, de certa forma, somos prisioneiros de um “poder simbólico” que se expressa de maneira sutil, extremamente engenhosa e invisível. Está nas representações sociais, na maneira como interagimos com o próximo, nas instituições das quais fazemos partes, enfim, em toda a hierarquia social.

E é essa invisibilidade que intriga e estimula a fazer esse trabalho. Quem dará voz ou vez a essas mulheres que, de uma forma ou outra, estão inseridas em um contexto de dominação e exploração? É essa a inquietação dessa pesquisa e é isso que pretende o minidocumentário produzido.

3. METODOLOGIA

Acerca da metodologia adequada para o desenvolvimento desse projeto, adotou-se uma metodologia empírica de análise de conteúdo coletados dos principais veículos de mídia do Brasil. Dentro dessa análise, selecionei recortes de mídias que julguei importantes para o desenvolvimento dessa análise.

Posteriormente, adotei uma metodologia de pesquisa que visa apoiar a metodologia empírica de análise de conteúdo, a metodologia de história oral. A metodologia de pesquisa de história oral visa investigar através de entrevistas, entre outras coisas, o modo de vida dos entrevistados.

Por sua vez, o processo de pesquisa de dados para essa análise e por consequência para a confecção desse documentário, foi dividido em três partes primordiais: a pesquisa documental, pesquisa de mídia e pesquisa de campo.

3.1. Pesquisa Documental

Na pesquisa documental, busquei artigos científicos, matérias de revistas, jornais, e outras fontes para levantar informações sobre o meu objeto de pesquisa. Além disso, no primeiro semestre desse ano, ao desenvolver o capítulo teórico que baseia a construção desse produto experimental, fui inspirado a aguçar meus sentidos para as questões culturais que cercavam o objeto de pesquisa. Através da leitura dos autores que já estão supracitados nesse trabalho fui capacitado a olhar o objeto através das lentes dos estudos culturais e isso me capacitou para a segunda fase de pesquisa, as pesquisas de mídia.

Além disso, dentro das pesquisas busquei registros documentais junto a órgãos do estado na região que pudessem acrescentar dados importantes a pesquisa. Esses registros foram procurados em delegacias de Santa Maria e região. A fim de me ajudar a traçar um panorama geral da prostituição na região.

3.2. Pesquisa de Mídia

Nas pesquisas de mídia, busquei muito do que envolvia prostituição em praticamente todos os veículos de mídia hegemônica. Nessa busca, filtrei o máximo que pude para chegar a algo que fosse natural a nossa região geográfica da pesquisa, porém, nada encontrei. Acabei optando por pesquisar

referências nos veículos de mídia tradicionais. Uma vez encontrados, segmentei esses recortes em dois pontos: mídia factual e mídia documental.

Nas fontes factuais de mídia, percebi o grande número de produções que dizem respeito à prostituição na mídia tradicional. Mesmo que essas produções não tenham a temática específica da prostituição, algumas representações foram recortadas e trazidas para análise.

Por encontrar grande número de produções, decidi construir subcategorias a fim de me auxiliarem na análise desses dados, que são: novelas, minisséries e filmes nacionais. O recorte abrange alguns materiais produzidos nos últimos 10 anos, que tenham gerado maior repercussão midiática e relatem ou representem mulheres cis prostitutas.

Dentre as fontes factuais, decidi selecionar algumas das várias produções transmitidas na mídia: as novelas, minisséries e filmes nacionais. Por entender que, na maioria das vezes, esses têm mais alcance e, por consequência, mais audiência, sendo assim mais comuns no conhecimento popular.

Dentre as fontes documentais, decidi analisar alguns documentários nacionais de maior relevância, produzidos nos últimos 10 anos, que se propuseram a mostrar a realidade da prostituição em diversos segmentos (prostituição masculina, feminina cis, transexual, entre outras), e em diversos estados do Brasil. Dentre essas fontes, o recorte contempla os programas ou partes de programas que relatem sobre a prostituição feminina adulta e que tenham sido veiculados nos veículos de mídia de maior audiência no território nacional.

A pesquisa documental e de mídia me possibilitou analisar o que essas fontes diziam sobre a prostituição, o que me permitiu partir para outro ponto importante, o emprego da metodologia de história oral. Buscando aplicar essa metodologia, construí o questionário de perguntas voltadas as entrevistadas.

O Roteiro de Entrevistas precisou ser feito de forma minuciosa, buscando sempre não levar as entrevistadas a uma exposição desnecessária, mas ao mesmo tempo, levando-as a relatar suas histórias de vida e suas opiniões frente ao que a mídia representava como realidade a respeito da prostituição e da mulher cis prostituta. Dessa forma, unindo a metodologia de

análise empírica juntamente com a metodologia de história oral, desenvolvi um roteiro de perguntas que consta nos apêndices desse trabalho.

3.3. Pesquisa de Campo

A terceira etapa de pesquisa, intitulada como pesquisa de campo é quando procuro me aproximar pessoalmente e por vezes em loco do objeto. O percurso da pesquisa de campo me levou a descobertas específicas sobre detalhes específicos da prostituição e da vida das mulheres prostitutas de Santa Maria. Detalhes esses que apresento nos capítulos que seguem mais à frente.

Durante o percurso de pesquisas de campo, com o intuito de descobrir onde e como eu poderia encontrar mulheres que atuavam como prostitutas, busquei informações na internet, em redes sociais, em jornais e até mesmo no contato pessoal com amigos e amigos de amigos. Cada pista que recebia me levava para um ponto, e esse ponto a um novo ponto, tal como um quebra-cabeças. Usando o telefone, entrei em contato com agências de acompanhantes da cidade e bordeis da cidade a fim de marcar entrevistas. Os resultados não foram os esperados, o que me levou a procurar nas ruas pessoas que pudessem me dar informações mais precisas.

Na rua, busquei pontos conhecidos de prostituição na cidade. Nessa pesquisa, entrei em contato pessoal com transexuais e travestis afim de adquirir informações. Estes, me deram algumas informações privilegiadas que me auxiliaram a mudar minha técnica de abordagem que me trouxeram mais resultados. Essas abordagens de rua eram feitas em horários noturnos, algumas de madrugada e mais especificamente em quatro locais da cidade.

Uma vez de posse de mais informações para me aproximar de meu objeto de pesquisa, segui a dica de entrar em contato via telefone com garotas de programa que propagavam os seus atendimentos nos jornais da cidade. Essa foi a tática que me rendeu mais resultados e conseguiu me levar a realização de entrevistas diretas.

Tais fatos revelam a dificuldade de pesquisar alguns assuntos como a prostituição. A aproximação o contato direto são voltados de perigos o que mostra também os perigos de se exercer a prostituição na região.

4. DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO EXPERIMENTAL

O processo de desenvolvimento desse produto experimental traz os resultados das pesquisas de mídia associados aos métodos e técnicas utilizadas na confecção do minidocumentário, bem como as suas justificativas.

4.1. Resultados das Pesquisas de Mídia Ficcional

Na fase metodológica da pesquisa, foram selecionados alguns recortes de mídia e posteriormente categorizados para uma melhor análise. Os resultados dessas análises seguem no decorrer do desenvolvimento desse capítulo.

4.1.1. Telenovelas

Certamente a categoria que traz a maior repercussão midiática de todos os recortes midiáticos feitos durante esse trabalho é a das telenovelas. A produção de telenovelas no Brasil surgiu na década de 50, mais precisamente em 1951, um ano depois da TV ser inaugurada no Brasil, na época, as novelas eram realizadas ao vivo. Com o passar dos anos a produção de telenovelas se intensificou, e já na metade da década de 60, todas as emissoras de televisão da época (TV Excelsior, TV Tupi, Rede Record e Rede Globo), passaram a produzir suas telenovelas a fim de consolidarem a sua audiência.

As telenovelas brasileiras se popularizaram de tal forma, que hoje o Brasil é o maior produtor de telenovelas do mundo, sendo ainda um exportador em potencial desse tipo de produção. O que gera uma lucrativa fonte de renda que ultrapassa a casa dos milhões anualmente, e atualmente, gera mais audiência e lucros que as transmissões de futebol ou dos desfiles de carnaval.

Ao longo das décadas de existência da TV Brasileira, quase todas as emissoras produziram telenovelas com programação semanal. Destaque para as emissoras: Rede Bandeirantes, TVE Brasil, Rede CNT, TV Cultura, Rede Excelsior, Rede Globo, TV Itacolomi, Rede Manchete, TV Paulista, Rede Record, TV Rio, SBT e Rede Tupi, que produziram o maior número de novelas transmitidas no Brasil.

Hoje em dia, as emissoras nacionais de maior audiência produzem e transmitem suas novelas em horário nobre, cada qual traz temas diversos e abordagens exclusivas, além de contarem com elencos numerosos e o uso de

efeitos especiais para destacar suas produções. Dentre as principais emissoras que produzem e transmitem telenovelas no Brasil hoje se destacam estas: Rede Globo de Televisão (Globo), a maior produtora do seguimento, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), sendo esta também uma importadora de telenovelas, e a Rede Record.

Dentre os principais recortes escolhidos para serem analisados, destacamos algumas produções de telenovelas que fizeram representações da prostituição e que obtiveram um número elevado de audiência e talvez ainda podem habitar na memória dos telespectadores. São elas: *Salve Jorge* (2012)³, *Gabriela* (reedição 2012)⁴ e *Babilônia* (2015)⁵, ambas as novelas produzidas e transmitidas pela Rede Globo em todo o território brasileiro. A escolha por telenovelas da Rede Globo é justificada pelo fato de que a emissora é atualmente a maior produtora de telenovelas do Brasil, e por ter a maior abrangência de sintonização do território nacional é consecutivamente a emissora que mais audiência arrecada.

A novela *Salve Jorge* foi transmitida pela Rede Globo no ano de 2012 e inesperadamente não atingiu níveis consideráveis de audiência (comparado a outras novelas precedentes transmitidas no mesmo horário). A trama foi escrita por Glória Perez⁶ e dirigida por alguns diretores consagrados no ramo da dramaturgia brasileira como Marcos Schechtman⁷ e Fred Mayrink⁸. Glória Perez se inspirou para compor parte da trama principal na história de Ana Lúcia Furtado⁹, mulher que foi vítima de tráfico de pessoas com fins de exploração sexual e inspirou a protagonista, Morena, que é interpretada pela atriz Nanda Costa¹⁰.

³ Telenovela Produzida pela Rede Globo e exibida no ano de 2012 para todo o território nacional.

⁴ Telenovela Produzida pela Rede Globo e exibida no ano de 2012 para todo o território nacional.

⁵ Telenovela Produzida pela Rede Globo e exibida no ano de 2015 para todo o território nacional.

⁶ Autora de telenovelas, séries e minisséries brasileiras.

⁷ Ator e diretor Brasileiro conhecido do ramo da teledramaturgia.

⁸ Ator e diretor brasileiro especialista em dirigir programas ao vivo.

⁹ Cidadã brasileira que foi vítima de tráfico pessoas no ano de 1996.

¹⁰ Atriz e modelo Brasileira, já realizou diversos trabalhos em filmes e telenovelas.

Figura 1 – Morena na cena onde é leiloada como prostituta.

Fonte: CARAS online (2017)



A novela buscou abordar o tema do tráfico de pessoas e da exploração sexual baseada em casos reais. A trama que contou com 179 capítulos foi transmitida entre 22 de outubro de 2012 e 17 de maio de 2013 e contou com um elenco de mais de 100 pessoas. O alto investimento feito pela Rede Globo, fez com que a novela tenha sido uma das maiores geradoras de capital (foi exportada e transmitida por 97 emissoras ao redor do mundo), muito embora a repercussão não tenha sido tão positiva quanto ao nível de audiência no Brasil. Quanto aos casos de prostituição que eram representados na trama, todos eles estão ligados diretamente aos casos de tráfico de pessoas. As vítimas, que são representadas na novela por moradoras do complexo de favelas do Morro do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, são incentivadas por uma agência de modelos a tentarem uma vida nova fora do país, afim de terem uma renda melhor. Assim, são levadas até Istanbul, na Turquia, para atuarem como modelo. Chegando ao seu destino percebem que foram vítimas de uma quadrilha especializada em tráfico de mulheres e são obrigadas a se prostituírem em uma casa noturna.

Figura 2 – Cena das vítimas do tráfico de pessoas na boate onde são obrigadas a se prostituir.

Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/salve-jorge/>



Lá essas mulheres são encarceradas e sofrem vários abusos, onde além de serem obrigadas a se prostituir, não tem direito a receber pelos programas que fazem e são constantemente vítimas de agressões vindas dos donos da boate.

Infelizmente, a ideia de abordar um tema tão importante como o do tráfico de pessoas não pareceu ter dado certo. Mesmo com as histórias baseadas na realidade, as representações feitas na novela não conseguiram fugir do estereótipo clássico da “prostituta que veio da favela”, e com o passar dos episódios e com a audiência decaindo, as representações passaram cada vez mais a serem feitas de maneira pitoresca, as agressões aconteciam sem motivo, personagens deixavam a trama sem explicações, as falas e cortes de cenas não dialogavam uns com os outros e sobretudo, do ponto de vista cultural, nem a cultura do povo que vivia no Complexo do Alemão, nem o da Turquia e muito menos o das prostitutas foi representado de forma digna.

A segunda novela escolhida para a análise foi “Gabriela”, a segunda “novela das 11” (era transmitida às 23 horas), que a Rede Globo publicou. Gabriela é uma versão adaptada do romance “Gabriela, cravo e canela” do escritor Jorge Amado¹¹, sendo também a segunda versão da mesma telenovela

¹¹ Jorge Leal Amado de Faria, foi um escritor brasileiro que viveu de 10 de agosto de 1912 à 6 de agosto de 2001.

que foi publicada em 1975. Escrita por Walcyr Carrasco¹², a trama conta com 77 episódios, e foi protagonizada pela atriz Juliana Paes¹³.

Figura 3: Juliana Paes, a protagonista, interpreta Gabriela.

Fonte: <https://conteudo.imguol.com.br/blogs/54/files/2012/06/gabriela12.jpg>



A telenovela foi sucesso de audiência ajudando a consolidar o novo horário de entretenimento na agenda dos telespectadores. Além disso, ela também foi um grande sucesso de importação, chegando a ser comercializada para 37 emissoras em todo o mundo. O elenco da novela foi mais enxuto contando com 48 atores e um elenco de apoio de 18 atores.

O autor modificou a história original em vários aspectos, inclusive incluindo personagens e dando maior relevância a alguns personagens que não tiveram papel importante na primeira edição. Apesar do sucesso e da aceitação do público a adaptação dos costumes da época não conseguiu fugir de alguns estereótipos tradicionais, como o do Coronel malvado, a mocinha inocente e sonhadora, entre outros. Além disso, a representação de uma Ilhéus (BA) dos anos 20 não foi nada fidedigna, uma vez que as casas, costumes e vestimentas dos atores lembravam mais Paris do que uma cidade do interior da Bahia.

O cenário de prostituição da cidade era resumido aos acontecimentos internos do Bataclan, o bordel mais cobiçado da cidade, que devido ao luxo, ficou parecendo mais com o Moulin Rouge¹⁴, um cabaré tradicional de Paris, do que com uma zona de meretrício de uma cidade de interior. As prostitutas que ali viviam eram ao mesmo tempo dançarinas, cantoras e acompanhantes.

¹² Escritor, dramaturgo e autor de telenovelas brasileiras.

¹³ Atriz, apresentadora e empresária brasileira.

¹⁴ É um “cabaré” tradicional, construído no ano de 1889 por Josep Oller em Paris, França

Sempre sofriam preconceitos por machistas por partes dos homens mas viviam uma vida de luxo e “alegria”, onde por poucas vezes (salvo alguns personagens), passavam por necessidades, desavenças ou problemas de ordem maior. Nas falas dos personagens, através de piadinhas sobre machismo, prostitutas e homossexuais o autor tentou retratar (propositalmente ou não), preconceitos, pensamentos e costumes da época em que o abuso de autoridade e abuso moral eram inerente ao cotidiano de qualquer um. Porém o mesmo esqueceu que estes mesmo problemas ainda se repetem na sociedade do século XXI.

Figura 4: O Bataclan e suas acompanhantes.

Fonte: https://blog.lojaskd.com.br/images/blog/2012/07/Novela-Gabriela_jorge-amado-02.jpg



A última telenovela trazida à análise foi Babilônia, do ano de 2012, também produzida e exibida pela Rede Globo e escrita por Gilberto Braga¹⁵, em parceria com Ricardo Linhares¹⁶ e João Ximenes Braga¹⁷, a trama que teve 143 capítulos, foi o maior fracasso da história do horário.

Talvez pelo fato de escolher abordar temas tidos como polêmicos até mesmo para a sociedade atual a telenovela não tenha sido bem recebida pelos telespectadores, que esbanjaram críticas à quase tudo o que era representado. A novela tentou abordar temas como o preconceito, machismo, violência

¹⁵ Autor brasileiro renomado de telenovelas brasileiras.

¹⁶ Ator e autor de telenovelas brasileiras.

¹⁷ Jornalista e escritor brasileiro.

(doméstica ou urbana), prostituição, religião, homossexualidade e corrupção política e contou ainda com o primeiro “beijo lésbico” da televisão brasileira.

Figura 4: Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, em “beijo lésbico”.

Fonte: <http://static1.purepeople.com.br/articles/3/11/83/03/@/1535143-a-novela-babilonia-cravou-26-pontos-s-237x237-3.jpg>



Três temas representados deixaram muito a desejar, sendo pelo panorama da realidade vivida, seja por a direção da novela voltar atrás e cortar cenas que seriam consideradas polêmicas demais para a audiência. O tema do homossexualidade, algo extremamente comum em nossa sociedade, foi vivido por duas personagens mulheres, já de idade que eram casadas. Ao longo da trama, os beijos, os toques e as palavras de carinho cessaram e essa representação perdeu fôlego. O mesmo aconteceu com o outro casal homossexual da novela protagonizado por dois atores de forma muito caricata, e com ares de comédia. Ao desenrolar da história, um dos personagens acaba se apaixonando por uma mulher, mudando assim a sua orientação sexual e finalmente “deixando de ser gay”.

Se as representações e cenas que retratavam a homossexualidade deixaram a desejar, as cenas que apresentavam a prostituição não foram diferentes. Na trama, um dos personagens é um “cafetão”, que agencia prostitutas de “alto nível” no Rio de Janeiro. Entre as suas agenciadas a personagem Helô, que também é sua amante, protagonizada pela atriz Carla Salle¹⁸, faz a representação de uma prostituta que atende a alta sociedade e

¹⁸ Atriz Brasileira.

tem uma vida “glamourosa”, frequenta os melhores restaurantes e as melhores festas, curte passeios de iate e se veste com elegância e glamour. A novela mostra que ela tem uma mãe doente que é impossibilitada de trabalhar e que esse seria o real motivo da moça optar por tal profissão, porém nada disso é abordado ou explorado diretamente na trama. As imagens em que a atriz aparece são sempre reduzidas a cenas de sexo, festas e afins. A realidade dessa mulher fora de seu trabalho não tem valor algum para a história.

4.1.2. Minisséries

Já na categoria de minisséries, *Verdades Secretas*¹⁹ é a que, sem sombra de dúvidas, se encaixa melhor no tema da prostituição. A Rede Globo, que é a única emissora brasileira a produzir minisséries, já investe pesado nesse tipo de programa e por se tratar de uma história com menos capítulos (em média 100 capítulos a menos que uma novela normal), o desenrolar da trama fica mais direto e os capítulos obrigatoriamente mais intensos.

As minisséries em geral, são transmitidas no horário das 23 horas, e talvez por isso, geralmente aborda temas mais polêmicos e tem mais cenas de sexo, ação e violência do que o “normal”. A série que teve a direção de Walcyr Carrasco²⁰ desenvolveu sua trama com um trio de protagonistas que incorporavam o núcleo principal, os atores Rodrigo Lombardi²¹, Drica Moraes²² e a estreante Camila Queiroz²³.

Verdades Secretas transmitiu cenas de nudez explícita, sexo, suicídio, estupro, uso de drogas, palavrões, violência e violência contra mulheres. Além de abordar temas pouco representados em uma telenovela/minissérie antes, como a homossexualidade, gordofobia, prostituição, aliciamento de menores e outros temas que são considerados tabus na sociedade.

¹⁹ Minissérie brasileira transmitida pela Rede Globo em 2015.

²⁰ Escritor, dramaturgo e autor de telenovelas brasileiras.

²¹ Ator e dublador brasileiro.

²² Atriz brasileira.

²³ Atriz e modelo brasileira.

Figura 5: Cenas de Nudez e uso de drogas em Verdades Secretas

Fonte: <http://static1.purepeople.com.br/articles/7/76/78/7/@/1051822--verdades-secretas-950x0-2.jpg>



Ao longo dos seus 64 capítulos a minissérie se desenvolveu com base nas ações dos personagens que tinham relação com uma agencia de modelos de São Paulo, que ao mesmo tempo em que introduzia novas modelos ao mundo da moda, também oferecia a elas a opção de uma “renda extra”, trabalhando como acompanhantes de luxo.

Apesar de nem tudo ter sido representado de forma real, e alguns acontecimentos terem um caráter mais exagerado, é impossível dizer que os acontecimentos retratados não existem na vida real. O book rosa²⁴, como foi abordado e outros tipos de prostituição existem e são retratos de uma realidade obscura onde mulheres, e por vezes até meninas, que entram em um mundo desconhecido atraídas pelo sonho de desfilarem nas passarelas, acabam se envolvendo com uma realidade diferente da mostrada na televisão.

A abordagem feita pela minissérie foi bastante realista e os diálogos mostraram uma complexidade que juntamente com as cenas demonstravam bastante realidade. Como resultado da repercussão da minissérie o debate

²⁴ Book rosa é considerado um tipo de prostituição de alto luxo, onde suas praticantes são, na maioria, modelos.

sobre prostituição e também sobre o chamado “book rosa” ganhou força nas redes sociais no Brasil. Trazendo à tona diversas revelações de situações de prostituição no mundo dos famosos. Isso só demonstra o quanto a prostituição está arraigada na sociedade se fazendo presente até nas classes mais altas. E criando dentro dela mesma nichos e categorias que dão uma complexidade ainda maior ao tema.

4.1.3. Filmes

Outra categoria de destaque na análise de materiais coletados da mídia são os filmes. A produção cinematográfica brasileira começou no início do século XX, muito embora as transmissões cinematográficas já existissem no Brasil desde o final no século XIX. O primeiro filme produzido no Brasil foi “Os Estranguladores” de Francisco Marzullo²⁵, ano de 1906. Sendo seguido por uma série de produções, normalmente dirigidas por estrangeiros vindos da Europa.

Na primeira década do século XX, as produções nacionais se intensificaram e a partir dos anos 20 o cinema brasileiro começou a produzir filmes oriundos de adaptações literárias, categoria essa que é o mais produzido no Brasil. Ao longo de seus mais de 120 anos de história o cinema brasileiro produziu mais de 3.883 filmes de longa metragem e 17.774 filmes de média e curta metragem.

O cinema nacional hoje em dia tem uma arrecadação que atinge a casa dos milhões anualmente, sendo que a indústria cinematográfica brasileira produz em média 100 filmes por ano. Mesmo com essa boa quantidade de produções, é difícil encontrar alguma produção cinematográfica (longa ou curta), que retrate especificamente a realidade da prostituição. Dentre os filmes mais recentes que buscam representar a prostituição, ainda que indiretamente, e que tiveram maior repercussão midiática podemos destacar “Sonhos Roubados” (2010)²⁶ e “Bruna Surfistinha” (2011)²⁷.

Há ainda outras produções e menor destaque que também mostram cenas de prostituição, muito embora não existe nenhum explicitamente com

²⁵ Ator e diretor Italiano nascido em 1883. Um dos mais importantes diretores de cinema da Itália.

²⁶ Filme brasileiro produzido no ano de 2010 pela produtora Cineluz.

²⁷ Filme brasileiro produzido no ano de 2011 pela produtora Imagem Filmes.

essa temática. Escolhemos os dois filmes citados no parágrafo anterior para realizar uma breve análise. Iniciamos pelo longa-metragem “Sonhos Roubados”, filme dirigido por Sandra Werneck²⁸ que teve estreia no ano de 2010 e foi inspirada no livro “As meninas da esquina - diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil”, da jornalista Eliane Trindade²⁹.

O filme retrata o dia a dia de três meninas (quase mulheres), que vivem em uma zona de vulnerabilidade social no Rio de Janeiro. Na trama as garotas, que são amigas desde os tempos de colégio, passam por dificuldades e veem na prostituição uma maneira de garantir o seus sustentos. Jéssica (Nanda Costa), passa dificuldades para cuidar do Avô e da filha pequena, além de ter um relacionamento com um jovem presidiário Ricardo (MV Bill³⁰). Já Daiane (Amanda Diniz³¹), também tem dificuldades financeiras semelhantes a de Jéssica e lida com o abandono de uma pai ausente e vive na casa da sua tia, local onde por vezes sofre abuso por parte do seu tio. Por fim, Sabrina (Kika Farias³²), menina simples que na busca de afeto e de melhores condições de vida se envolve com um traficante da comunidade onde vive.

A abordagem do filme é sutil, porém traz histórias fortes, que muito se assemelham com as de milhares de jovens meninas no país. Embora, o filme seja um tanto pobre na profundidade dos diálogos, a produção em nada deixa desejar, principalmente nos roteiros das montagens das cenas. Mesmo com vidas sofridas a sensação não é a de que futuro das garotas está fadado ao fracasso, mas sim que elas darão a volta por cima e conseguirão viver com dignidade e melhores condições de vida de modo geral.

O contraste com a realidade e ficção não é feito de forma apelativa e embora o filme não se baseie no fato das atrizes recorreram a prostituição como modo de sustento, o tema em específico é abordado de forma muito realista, mostrando os anseios, dificuldades, desejos de consumo. Outro ponto interessante no enredo é que os atores não saem da favela, diferentemente de outros filmes que mostram o Rio de Janeiro como o cartão postal do Brasil, o

²⁸ Diretora cinematográfica brasileira.

²⁹ Jornalista e escritora brasileira.

³⁰ Rapper, compositor e ator brasileiro.

³¹ Atriz brasileira.

³² Atriz brasileira.

filme fica concentrado nas partes pobres e violentas do Rio. O comprometimento com a realidade tomado pela diretora chama atenção em cada detalhe do filme.

Figura 6: As personagens Jessica, Daiane e Sabrina fazendo as unhas na comunidade onde vivem.

Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_Vw_p6llLMlg/s1600/sonhos-roubados-sandra-w-560-div.jpg



Outro filme nacional que obteve grande repercussão foi “Bruna Surfistinha”, lançado em 2011 e dirigido por Marcus Baldini³³. O filme é baseado no livro “O Doce Veneno Do Escorpião: o Diário de uma Garota de Programa”³⁴, de Raquel Pacheco³⁵ e foi protagonizado por Débora Secco³⁶. E aborda diretamente a prostituição e o modo de vida de Raquel, uma garota de classe média que decide fugir de casa e virar prostituta.

A repercussão do livro e do filme foram tão grande que Raquel Pacheco, sob o codinome de Bruna Surfistinha ficou famosa em todo o território nacional. O retorno financeiro do filme foi grande e mesmo com poucas semanas de exibição nos cinemas o longa totalizou uma bilheteria de aproximadamente 2 milhões de espectadores em cinco semanas. Além de render mais de 19 milhões segundo o site Data Base Brasil³⁷.

Fora o grande retorno financeiro, o filme deixa muito a desejar como crítica social, e explora pouco o cotidiano e o modo de vida da mulher

³³ Diretor de cinema, televisão e publicitário brasileiro.

³⁴ Livro auto biográfico escrito por Raquel Pacheco em 2005, editora Panda Books.

³⁵ Escritora, DJ, ex prostituta e ex atriz de filmes pornográficos brasileira.

³⁶ Atriz e modelo Brasileira.

³⁷ Site especializado em banco de dados sobre cinema no Brasil.

prostituta. Muito embora o roteiro seja dividido em três fases bem desenvolvidas como a opção pela prostituição e a transformação da garota em prostituta, a vida cotidiana da prostituta e ascensão da carreira a partir da confecção do blog e de prostituta a drogada e declínio de vida da personagem. Levando em conta que o longa é baseado diretamente no livro da autora, o desenvolvimento dessas três etapas não oferece nenhuma profundidade ao público.

Na trama (e nem no livro), são deixados claros os motivos reais para a menina de 17 anos fugir de casa e iniciar uma carreira na prostituição. Além disso, alguns problemas relatados pela autora como ser cleptomania, ter baixa autoestima e outros problemas psicológicos são deixados de lado, optando assim por mostrar a protagonista como vítima da maldade dos outros e não de suas próprias escolhas. No filme também não fica claro os reais motivos da personagem, em com pouca idade, optar por fugir de casa e aderir pela profissão da prostituição a fim de ganhar a vida.

Figura 7: Fases vividas pela protagonista Debora Secco no filme Bruna Surfistinha.

Fonte: <http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2011/02/22/surfistinha-tl.jpg>



Outro ponto interessante do filme são as cenas de sexo e nudez em que a protagonista é exposta. Nada mais natural de que se imagine que o cotidiano de qualquer trabalhadora do sexo seja recheado de atividades sexuais, mas no filme, essas atividades aparecem sem muito sentido, demonstrando mais a

mulher como um produto de troca em uma simples relação de consumo do que qualquer outra coisa. A relação com as colegas de trabalho, clientes, amigos, pais, não influenciam, ou não parecem dar motivos suficientes para influenciar, em nada o futuro da protagonista ou das ações que a mesma toma. Não existe o percurso de ação e reação normal de qualquer história de vida, as coisas simplesmente acontecem sem uma conexão exata no tempo e espaço.

4.2. Resultados das pesquisas de Mídia Documental

Dentro do campo de pesquisa de mídia documental selecionei alguns produtos audiovisuais caracterizados como documentários ou programas de televisão que foram veiculados nas maiores emissoras do Brasil. Nessa busca pude encontrar materiais que tratavam da prostituição de maneira geral, não só a prostituição vivida pela mulher cis gênero. Sendo assim, foi necessário fazer um novo recorte dentro dessas produções a fim de selecionar as partes em que eram abordados somente os casos de prostituição feminina adulta cis gênero.

No desempenho dessa função, levei em conta a relevância das produções e também os veículos em que estes transmitidos, preferindo aqueles de maior audiência. As produções selecionadas foram o programa Profissão Repórter³⁸, veiculado pela Rede Globo, A Liga³⁹, veiculado pela Rede Bandeirantes, e o programa Repórter Record⁴⁰, transmitido pela Rede Record. Primeiramente, o programa Profissão Repórter produziu um programa com a temática da prostituição. O programa foi ao ar em Agosto de 2010 e abordou o tema de forma ampla, entrevistando e acompanhando a jornada diária de duas mulheres cis prostitutas, uma transexual. A abordagem do programa remete ao jornalismo investigativo. Mostrando onde vivem, como trabalham e quais são as mazelas da vida de quem tem a prostituição como modo de vida.

Um detalhe interessante encontrado especificamente na análise do programa Profissão Repórter, são os diferentes tempos destinados a cada uma das participantes. A participante natural do Ceará, que trabalhava em um prostíbulo no subúrbio da cidade contou com um tempo de transmissão muito

³⁸ Programa jornalístico semanal, produzido e apresentado pela Rede Globo desde 2008.

³⁹ Programa jornalístico semanal, produzido e apresentado pela Rede Bande desde 2010.

⁴⁰ Programa jornalístico semanal, produzido e apresentado pela Rede Record desde 2008.

menor do que a da participante de São Paulo que atuava como acompanhante de luxo. Sem falar na relevância das perguntas feitas à primeira participante que, no geral, falou muito pouco do modo de vida e era representada de forma caricata. Já para a segunda participante, as perguntas inqueriam o quanto essa cobrava, quanto tempo demorava cada programa, quantos clientes ela atendia por dia, entre outras. Revelando um interesse muito mais comercial.

Figura 8: Profissão Repórter. Caco Barcellos introduz o assunto abordado no episódio: “A Realidade da Prostituição”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=G0DV11Ae5Hw>



O programa A Liga, da Rede Bandeirantes abordou o tema da prostituição especificamente na cidade de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O programa foi ao ar em Junho de 2010 e teve como participantes três mulheres cis gênero, uma transexual e um homem que atuava como garoto de programa. As abordagens focaram no modo de vida, onde os interlocutores do programa passavam o dia juntamente com os participantes, visitavam suas casas, faziam refeições juntos, iam aos lugares onde os participantes trabalhavam e até chegaram a realizar em parte o trabalho dos participantes.

A abordagem diferenciada do programa possibilitou um olhar mais humano para com os participantes, quando estes não apenas respondiam perguntas mas que podiam ter voz falando sobre seus problemas, anseios, dificuldades e alegrias a medida que mostravam como era o seu dia a dia.

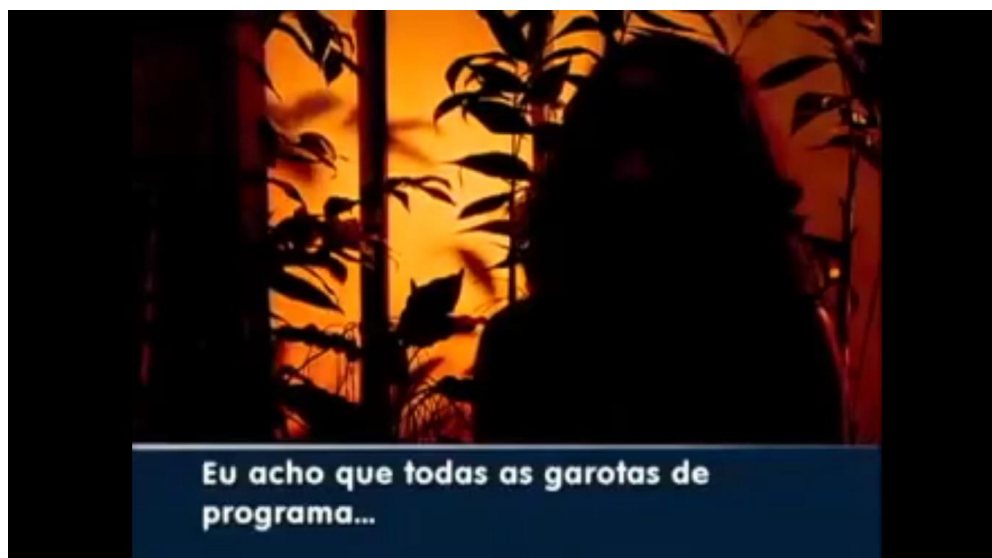
Figura 9: Programa A Liga “A Realidade da Prostituição”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MOPILvclOE8>

Sequentemente o Repórter Record, também um programa de caráter jornalístico investigativo, realizou um programa pautando a prostituição. Na abordagem do programa da emissora Record foram entrevistadas mulheres cis gênero e transexuais, mas sem dar ênfase aos participantes, que apareciam, na maioria das vezes, com tarjas no rosto.

O programa foi ao ar em Outubro de 2011 e tem uma abordagem diferente dos demais, traz uma narração em terceira pessoa, onde o apresentador do programa introduz cada participante. Algo notório nessa produção é a maneira estereotipada em que a prostituição é retratada. Onde, os depoimentos das entrevistadas revelam, além dos percalços da prostituição, as dificuldades de uma vida “difícil”. Até o título do episódio dá a entender a abordagem um tanto pejorativa do programa: “O Submundo da Prostituição”. Induzindo o telespectador de que as práticas da prostituição são em sua totalidade ruins, onde os benefícios não compensam e os indivíduos que dela vivem estão em situação de vulnerabilidade e ou marginalidade.

Figura 10: Repórter Record – “O Submundo da Prostituição”
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MQzDWiJQXAc&t=82s>



4.3. Resultados da Pesquisa de Campo

Inicialmente, busquei indicações com amigos e dentro de redes sociais digitais como o *Facebook*, sobre mulheres cis que trabalhassem com a prostituição. Por indicações entrei em contato via *facebook* com Angela Soares⁴¹, uma mulher cis da cidade de Porto Alegre de aproximadamente 40 anos que se autodenominava garota de programa. Em nossa primeira conversa expliquei brevemente a natureza do trabalho e os motivos que me levavam a buscar informações relevantes para a confecção do documentário. Fui muito bem recebido por Monique, porém não consegui maiores informações sobre a prostituição em Santa Maria ou na região. Monique alegou que não tinha contato com garotas de programa ou qualquer tipo de pessoa que estaria envolvido com a prostituição no centro do estado.

Busquei por outros meios levantar informações sobre a prostituição em Santa Maria. Para isso, percorri todas as delegacias de polícia de Santa Maria, começando pela Delegacia da Mulher, até a Delegacia Regional, afim de buscar dados sobre a prostituição, como ocorrências, denúncias ou ainda outros casos, visitei também a Delegacia de Menores mas nenhum registro foi encontrado. Enviei para a Delegacia Regional um ofício encaminhado ao Delegado Chefe afim de solicitar essas informações de maneira formal, mas

⁴¹ Nome fictício.

até agora, não obtive nenhuma resposta. O Ofício de requerimento elaborado para tal fim está presente nas referências do trabalho.

Continuei a minha busca e optei por ir a alguns locais conhecidos por serem pontos de prostituição de rua na cidade de Santa Maria. Nesses locais, conversei com algumas mulheres transexuais e alguns travestis. Nessa abordagem não consegui levantar contatos diretos de mulheres prostitutas e nem de pessoas que poderiam me levar a estas mulheres. Porém na breve conversa que tive, obtive dicas que me levaram a buscar outra abordagem.

Sendo assim, mudei de tática e passei a entrar em contato com mulheres que publicavam seus serviços em um catálogo de classificados de um jornal da cidade. Foi aí que consegui os primeiros contatos e informações significativas sobre a prostituição em Santa Maria.

Na tentativa do contato via telefone liguei para pelo menos 80 garotas de programa. Na abordagem explicava a natureza do contato e interpelava essas mulheres para uma conversa em tom informal. Nenhuma garota de programa compareceu aos locais marcados para conversa. Mesmo assim, consegui conversar efetivamente com 8 mulheres, que me deram dicas e informações tão valiosas que me possibilitaram descobrir algumas diferenças de funcionamento da prostituição na cidade. Essas abordagens por telefone não foram de todo um insucesso, na verdade as poucas conversas que tive me deram informações valiosas. As quais me fizeram voltar e rever alguns pontos no planejamento do documentário e em minhas pesquisas.

No decorrer da pesquisa de campo iniciei contato via *Whatsapp* com algumas garotas de programa. Os contatos foram promissores, ali pude explicar o que pretendia a pesquisa e marcar alguns encontros. No total, conversei via *Whatsapp* com 12 mulheres, das quais apenas três aceitaram conversar pessoalmente comigo e se dispuseram a participar efetivamente do projeto e responder o questionário elaborado durante o processo de pesquisa e escolha metodológica.

Nos encontros tive a oportunidade efetiva de conversar com quatro garotas de programas e aplicar o questionário com três. Além das perguntas referentes ao questionário, eu pude realizar mais alguns questionamentos a fim de confirmar as informações que eu já havia recebido nas conversas por telefone com outras garotas de programa. As respostas confirmaram os relatos

que eu já havia obtido e isso me ajudou a traçar um panorama da prostituição em Santa Maria e como é o seu funcionamento.

Sendo assim, baseado nas pesquisas de campo e nos relatos obtidos pelas entrevistadas, pude depreender quatro tipos de prostituição em Santa Maria, são elas: a prostituição de luxo, efetuada por acompanhantes de luxo; a prostituição de rua, comum em vários locais do mundo; a prostituição em agencias; e a prostituição em casas noturnas (bordéis).

A prostituição de luxo é realizada em Santa Maria por um grupo seleto de mulheres que a rigor são jovens e bonitas, sendo, na sua maioria, agenciadas por alguns cafetões ou alguma agencia, poucas trabalham de forma autônoma nesse segmento. Existem ainda algumas mulheres que viajam, trazidas por “agentes” de outras cidades e por vezes até de fora do estado e que ficam em cidades onde a procura é maior por algum tempo e depois retornam para suas cidades de origem.

A cerca desse tipo de prostituição a entrevistada Mariana disse:

“Assim, existe acompanhante de luxo. Que são não necessariamente universitária mas são mulher de um perfil mais alto, tipo assim não necessariamente um mulherão, pode ser meninas também sabe mas assim que investem muito no corpo de mais dinheiro, que os programas são, vamos dizer, de mil pra cima. Não tem menos. Existe isso! E até já me convidaram porque eu tenho o estilo menininha, “mionzinho”, ninfetinha. E isso atrai muitos caras sabe. E eu conheço, muitas meninas são acompanhantes de luxo. O perfil da mulher é diferente sabe.”

Outro segmento da prostituição é a prostituição de rua. A prostituição de rua é muito comum em todo o Brasil, normalmente ela acontece em locais mais afastado do centro da cidade ou em beiras de estrada. Existem pelo menos 4 locais de prostituição de rua bem definidos em Santa Maria. Este tipo de profissão é dado como o “mais sofrido”, onde as mulheres estão mais expostas a qualquer tipo de violência ou preconceito.

A prostituição em agencias é um segmento bastante peculiar da cidade. As chamadas agencias, são casas de prostituição que funcionam de dia e na primeira fase da noite, ela são caracterizadas por casas ou apartamentos com um bom número de quartos onde são realizados os atendimentos aos clientes.

As mulheres que ali trabalham tem um perfil quase que homogêneo, onde a grande maioria são mulheres que possuem filhos e trabalham na prostituição para o garantir o sustento da sua família. Normalmente são casadas ou tem um companheiro. Elas optam pelas agencias devido a descrição dos locais e a segurança que estas pode oferecer.

Outra particularidade são as normas rígidas que imperam o local, onde não é permitido o uso de drogas e nem de álcool e a descrição do local é algo que deve ser zelado pelas acompanhantes que ali trabalham.

Existem aproximadamente 20 agencias de prostituição em Santa Maria, algumas fazem parte de uma espécie de “rede”, por onde as garotas transitam.

A respeito das agências, entrevistada Bruna relatou:

“Muitas vezes tu pode não perceber, mas tem muitos apartamentos, tipo aqui, tu nunca iria imaginar que é uma rede de garotas de programa, é um apartamento normal. Tem muito, muito apartamento aqui que é de garota de programa, eu não sei dizer. Aqui tem uns 8 a 9 que eu conheço, fora contar boate, e é tudo aqui pertinho, a maioria é no centro. E assim, tem muito e cada apartamento são de 6, tem um que eu acho que são só 3 meninas, mas é tudo 6, 12, 13, cada um tem muito, fora boate né. Eu conheço muitas, não posso te dizer, mas eu posso te dizer que eu conheço assim, de casos, somando o que eu sei, mais de 150 meninas assim. Somando as casas que eu conheço, fora boate que eu não tenho contato”.

Por fim, a prostituição em casas noturnas é o segmento onde a prostituição é mais forte. Não se sabe o número aproximado de mulheres que trabalham em boates e nem mesmo quantas delas existem, a estimativa é de aproximadamente 10 boates, onde em cada uma delas trabalham de 20 a 50 mulheres.

Uma característica marcante das boates é o uso intenso de drogas e álcool. Todas as boates do segmento dispõem de drogas para as garotas que lá trabalham, o que caracteriza, entre outras coisas, tráfico de drogas. Sem falar no consumo de álcool que é incentivado pelos próprios donos das boates afim de aumentarem seus lucros.

A cerca desse segmento a entrevistada Crystal relatou:

“Na boate que eu trabalhei de noite, eu achei muito ruim, no momento que eu pude sair eu sai porque ela era uma boate de vila sabe, e então o público que ia tanto as garotas que iam, minhas colegas, tanto o pessoal que iam era meio ‘boca braba’, rolava muita droga,

muita droga. Porque as gurias tinham que ficar todas as noite acordadas, a boate abria de segunda a segunda e as gurias pra se manter elas usavam pra ficar acordada elas usavam muita droga. E eu como não usava droga eu não fazia parte daquele grupinho delas né. E daí elas se a gente 'tava' com um cliente ali tomando uma doze, tu ganha 10 reais pra ti tomar uma doze, a doze é 30 reais um copinho de whisky com energético ou qualquer outra coisa que tu queira. E daí tu, eles, o cliente paga 30 reais pro dono da casa e desses 30 tu ganha uma ficha que tu vai ganhar 10 reais nessa ficha. Só que pra mim não 'tava' dando por que as vezes eu não fazia nenhum programa, que era o que me interessava porque no programa eu ia ganhar 100 reais limpo pra mim, eu tinha que me embebedar, eu não era acostumada a beber, e eu tinha que me embebedar. Pra ganhar 50, 60 pila eu tinha que tomar um monte de whisky, e sem falar que os caras, eles eram muito abusado, eles queriam ficar passando a mão, queriam ficar falando bobagem”.

A prostituição em casas noturnas, embora perigosa é a mais atrativa para os clientes, fazendo de Santa Maria uma espécie de referência desse segmento frente as cidades da região.

De maneira geral, a prostituição é um assunto complexo e que não diz respeito apenas as mulheres que vivem essa realidade, mas também a clientes, donos de agencias, familiares, filhos e a sociedade em geral, onde ela se manifesta. É extremamente importante entendermos que a prostituição não ocorre em seu fim, mas em seu meio, ou seja, o agente da prostituição, aquilo que efetivamente a causa, não é a prostituta, mas sim a sociedade. Onde, ao mesmo tempo em que cada indivíduo “escolhe” fazer da prostituição a sua profissão, ao mesmo tempo, este é impelido a escolher. Em outras palavras, cada indivíduo que escolhe pela prostituição não escolhe sozinho, mas o faz impulsionado por um sistema exploratório, violento e cruel, muito mais cruel do que qualquer luta pela sobrevivência.

Além disso, outro fator marcante colabora para que a prostituição continue sendo um tabu para a sociedade. A invisibilidade em que as mulheres estão inseridas é fruto, na maioria das vezes, da sua própria escolha e isso colabora para que se fortaleçam os estigmas sociais acerca da prostituição. Normalmente aquelas que entram na prostituição optam, quase que obrigatoriamente pelo silêncio. Uma vez que, as garotas de programa raramente falam para outras pessoas sobre a sua profissão ou contam com o apoio de familiares.

Dessa forma, quando não se tem informações básicas sobre a prostituição cada um faz juízo como quer. E isto é exatamente o que faz a mídia em geral. Não investigando, não buscando com as próprias prostitutas informações sobre a sua classe e seu trabalho, e colaborando com os estigmas e preconceitos já existentes mostram as prostitutas e a prostituição de maneira irreal. E isso se deve ao fato de que ninguém, nem os envolvidos na prostituição e nem a mídia dialogam. E se ambos não dialogam, como a sociedade irá dialogar?

Uma das opiniões das entrevistadas sobre as representações feitas pela mídia revelam o quão distante a realidade da prostituição e a mídia estão. Como diz a entrevistada Crystal:

“A mídia passa outra coisa, ou é acompanhante, de luxo, eles nunca botam o meio termo, ou é acompanhante de luxo, aquelas que nem a Angel, daquela série (verdades secretas), né, que elas ganhavam dinheiro né, faziam os buque rosa, ganhavam muito dinheiro pra ir ali ver os empresários, né que a mulher tem que ta muito linda, cabelo arrumado, unhas feitas e massagem e silicone e isso e aquilo. Ou se não são aquelas coitada que ficam na esquina. Imagina, elas ficam ali se esporto sabe... qualquer um faz uma maldade pra elas. Então, eu já não sou nem a de luxo e nem a que fica na esquina...”

Ainda a respeito disso a entrevistada Bruna relatou:

“O problema é que a mídia nunca procurou entrar lá na raiz do problema, eu acho, eu Bruna acho assim, que tem que procurar na raiz do problema, aonde é entendeu? E isso ninguém faz, eles pegam o básico, que “ai, são menininhas que vendem o corpo pra ganhar dinheiro fácil”, umas falam “vagabunda, porque que não procuram um emprego?” é bem esse linguajar que usam. Só que não sabem, tem mulheres que não veem outra opção, não sabem o que aconteceu. Todo mundo tem uma história que chegou até ali, ninguém caiu de paraquedas, assim porque quis, assim, não tem. Todo mundo tem uma história, mulheres que eram espancadas pelos maridos, dependiam entendeu, e tem filhos pra criar, e tem que ta lá. E é muito triste, triste mesmo de ver isso.”

Sendo assim, as representações feitas pela mídia colaboram ainda mais para que a invisibilidade se perpetue. Uma vez que, as prostitutas, de modo geral, não se veem representadas na mídia, e a sociedade, por consequência vê uma representação que não é real e cria em seu imaginário algo que não

existe. Isso colabora para que as prostitutas se isolem dessa sociedade que a enxerga com “outros olhos”, os olhos do preconceito.

4.4. O processo de realização do minidocumentário

No processo de desenvolvimento do minidocumentário houve diversos desafios. Devido à complexidade do tema e os diferentes caminhos percorridos durante a sua produção, subdividi esta temática em duas categorias. A primeira dá conta de detalhar ao máximo os processos de produção, a segunda parte aborda os aspectos técnicos de produção do minidocumentário

Um ponto fundamental no processo de pesquisa para a produção do documentário foram as pesquisas de campo. Como já explanei anteriormente, nesse ponto, entrei em contato direto com algumas mulheres cis e alguns transexuais que se encontravam em situação de prostituição na cidade de Santa Maria e também em Porto Alegre.

A aproximação é uma situação muito delicada, pois o fato de eu ser homem e heterossexual levanta algumas suspeitas nas entrevistadas. Durante todo o processo de aproximação, procurei transcender qualquer tipo de estigma social que possa ser feito tanto da minha pessoa, como das pessoas em situação de prostituição.

A ideia inicial do documentário era fazer gravações com mulheres cis que tenham tido alguma experiência com prostituição. As entrevistas seriam feitas de forma direta e em loco, ou seja, nos locais reais onde a prostituição acontecia, a fim de mostrar, não só a realidade daquilo que seria dito pelas entrevistadas, mas também a partir daquilo que seria efetivamente mostrado. Com o decorrer das pesquisas de campo, percebi que tal ideia precisava de um reposicionamento.

Dessa forma, optei por gravar as entrevistas dentro do Estúdio 21, por isso, desenvolvi um cenário e trabalhei uma ideia de iluminação afim de esconder o rosto e os traços físicos mais marcantes das entrevistadas. Porém, ao decorrer da pesquisa de campo eu intendi que isso não seria possível pois nenhuma mulher iria se dispor a gravar, nem no estúdio e nem em qualquer outro lugar.

Assim, fui impelido a fazer a mudança mais significativa do documentário. Decidi não mais gravar propriamente com as garotas de

programa mas optei por usar algumas atrizes que encenariam tudo o que era falado pelas entrevistadas. Essa decisão me abriu portas na questão da aproximação, uma vez que não seriam filmadas as mulheres se sentiram menos expostas e eu obtive mais colaborações.

Sendo assim, gravei as respostas obtidas nas entrevistas na voz das atrizes mas optei por manter a iluminação que esconderia os seus traços físicos, a fim de despertar a curiosidade daqueles que assistiriam o documentário e também preservar a identidade das atrizes.

Após isso, adaptei o tratamento que tinha sido feito meses atrás e compus uma locução que juntamente com todos os dados que obtive nas pesquisas colaboraram para a confecção de um roteiro de filmagem que previa, as cenas que seriam produzidas.

4.4.1 Aspectos Técnicos da Produção

Para fins de esclarecimento, nesse subcapítulo irei descrever os equipamentos utilizados para a produção do documentário, bem como as escolhas de enquadramento, luz e demais detalhes técnicos.

O produto experimental desenvolvido nesse trabalho é um minidocumentário de, aproximadamente, 20 minutos que retrata a realidade da mulher cis prostituta em Santa Maria. Para isso, é necessário entender como se dá a estrutura de um documentário, os passos necessários para a sua realização e por fim, a exata abordagem que pretendo dar a ele salvo as devidas limitações técnicas e de materiais que existem.

Um documentário é basicamente um filme não ficcional que tem como objetivo abordar a realidade sob um determinado aspecto. O comprometimento de um documentário é com a veracidade e com a exploração de acontecimentos espontâneos, sem falas ensaiadas ou cenas orquestradas. Por essa maneira é que se torna por vezes mais difícil a confecção de um documentário do que um filme de ficção.

Para a confecção de um bom documentário o trabalho de um bom roteirista é essencial. As atribuições de um roteirista são basicamente a pesquisa e planejamento, visualização, organização da estrutura do documentário e uma boa redação de texto.

Ainda sobre a confecção de documentários, segundo NICHOLS (2005), existem 6 tipos de documentários, que são: poético, expositivo, observatório,

participativo, reflexivo e performático. Segundo essas definições, onde mais se encaixa a proposta deste documentário seria o expositivo, pela maneira que desejo abordar os fatos, acompanhados sempre da palavra das mulheres entrevistadas.

A estrutura do documentário é de suma importância para a sua realização. A maneira como estruturamos o documentário influencia diretamente no roteiro de apresentação das cenas que darão um norte a filmagem. Uma ferramenta interessante para ajudar a definir uma estrutura básica ao documentário é a confecção do tratamento.

O tratamento é uma parte muito importante no processo de planejamento do documentário. É função do tratamento dar uma ideia geral estruturada de forma que se possa fazer mudanças, se necessário, mas ao mesmo tempo rígido o suficiente para que seja entendido e visualizado na fase de criação do roteiro.

No processo de pesquisa e elaboração desse documentário, optei por produzir primeiramente o tratamento para depois, produzir o roteiro linear do produto. Nesse caso, baseado nas pesquisas textuais que já havia realizado sobre o tema desenvolvi um tratamento que contempla três itens básicos para a realização do documentário, são eles: a proposta do documentário, a abordagem do documentário e o conteúdo prévio das cenas. O tratamento realizado consta nos apêndices desse trabalho.

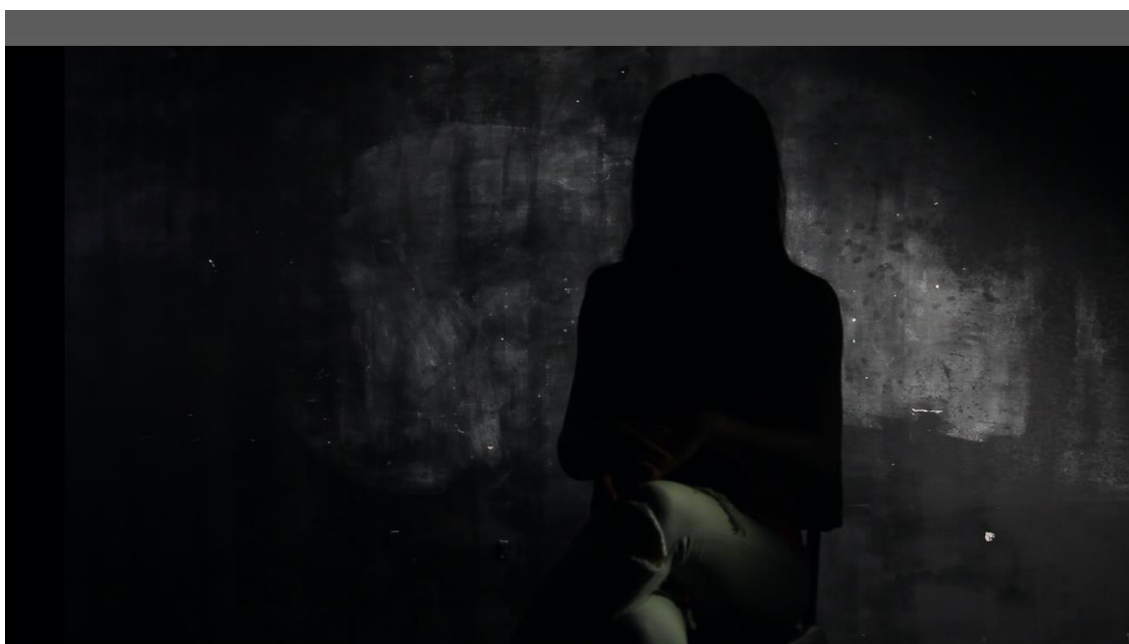
Ao longo da elaboração do tratamento, surgiu o entendimento de que a identidade das mulheres entrevistadas deveriam ser preservadas, ao mesmo tempo que o direito de utilização da imagem das mesmas também deveria estar documentado. Isso me levou a produzir um termo de uso de imagem diferenciado e pensando na viabilidade desse termo, montei opções de exposições para que as entrevistadas pudessem optar em como gostariam de aparecer.

Esse processo também me levou a montagem do set de gravações, onde pude testar diversas posições angulares e enquadramentos a fim de garantir uma imagem de melhor qualidade ao mesmo tempo em que se ocultava a identidade da entrevistada. O termo do uso de imagem se encontra nos apêndices desse trabalho.

Mesmo com a mudança de estratégia nas abordagens e a opção por usar atrizes ao invés das garotas de programa diretamente eu mantive a montagem do set inicial, usando os mesmo enquadramentos e planos que já haviam sido testados.

Sendo assim, eu optei pelo uso de um Fresnel⁴², uma lente para uso em faróis, com uma temperatura de cor de aproximadamente 5500k direcionada para a parede atrás de onde seria posicionada a entrevistada, que serviria como uma *fill light*⁴³ (luz de preenchimento) para contrapor a silhueta que foi formada. Um feixe de luz seria apontado na direção das mãos da entrevistada afim de propiciar um plano detalhe. Isso colaborou para que se usasse 3 planos, o plano geral, focalizando todo o corpo da entrevistada, um plano fechado focalizando o rosto enegrecido da entrevistada e um plano detalhe focalizando as mãos da entrevistada.

Figura 11 – Plano geral



Nas gravações das entrevistas foram utilizadas 3 câmeras T3i Canon CMOS/APS-C 1.6x, pertencentes ao Estúdio 21. Cada uma com 3 diferentes tipos de lentes, uma 50mm, 24-105mm e 24-70mm que correspondem aos 3 enquadramentos utilizados, geral, fechado e detalhe respectivamente. A

⁴² Tipo de lente inventada pelo físico francês Augustin-Jean Fresnel. Criada originalmente para uso em faróis de sinalização marítima.

⁴³ Luz de preenchimento.

câmera utilizada para plano geral foi regulada com a seguinte configuração: obturador 1/60, ISO 400, abertura F4.0, com o fotômetro regulado em 1/3 de luz do fundo. A câmera do plano fechado obteve a mesma configuração e a câmera do plano detalhe teve a abertura F2.0, ISO 400, Obturador 1/30, com a relação de contraste de 4/1.

Nas gravações externas foram utilizadas duas câmeras, uma T2i APS-C 1.6x e uma Nikon D3100 DX 1:3.5. Afim de compensar alguns detalhes técnicos de ambas as câmeras, optei por fazer filmagens noturnas, trazendo um aspecto mais escuro ao trabalho, o que vai de encontro ao tratamento desenvolvido. Utilizei uma lente 18-105mm na câmera T2i devido a versatilidade e capacidade de captar melhor movimentos com boa qualidade. Já na câmera D3100 utilizei a lente 18-55mm devido a sua boa abertura focal (f/ 3,5-5,6), e a sua boa estabilização.

No processo de edição de imagens usei o programa Adobe Premiere CS6. Já para as edições de áudio utilizei o programa Adobe Audition CC, onde pude editar tanto o áudio das entrevistas como as trilhas utilizadas.

As trilhas utilizadas foram as provenientes do site [youtube.com/audiolibrary](https://www.youtube.com/audiolibrary)⁴⁴ e as licenças de uso *Creative Commons*⁴⁵ foram devidamente respeitadas.

⁴⁴ Repartição do Site YouTube que dispõem milhares de trilhas e efeitos sonoros gratuitos.

⁴⁵ Licença padrão para o uso e reprodução de materiais da internet.

5. CONCLUSÃO

A partir das pesquisas e da produção desse minidocumentário, pude concluir inicialmente que a prostituição não é um mal social em si, como muitos acreditam, e que não se trata de algo certo ou errado, bem ou mal. A prostituição diz respeito, única e exclusivamente a cultura, sendo essa a lente pela qual vemos, entendemos e julgamos o mundo. Sendo assim, falar de prostituição é falar de modo de vida, identidade, classes, hábitos, costumes e hierarquias sociais que estão presentes em nossa sociedade e que muitas vezes passam despercebidos.

A complexidade do tema instiga um posicionamento claro de qualquer observador ou pesquisador. Não se pode simplesmente conhecer e buscar compreender a prostituição sem tomar um partido ao mergulhar nesse “submundo” tão complexo, que é rico e pobre ao mesmo tempo. Ao decorrer de toda a pesquisa eu evitei “escolher um lado”, afim de não tomar pra mim qualquer ideia precipitada da realidade. Mas ao fim da jornada, tive que escolher, e escolhi o lado das mulheres prostitutas que sobrevivem remando contra uma maré de preconceito todos os dias.

Para cada história que ouvia, diversas perguntas martelavam a minha mente: Porque ela não pode dizer em casa o que faz? Porque ela tem que se submeter a tantos abusos? Por que ela ganharia tão pouco em outra profissão? Porque ela não se sente realizada? E a medida em que ia conhecendo as histórias de vida e os motivos pelos quais cada uma optou por essa profissão, ia percebendo que aquelas mulheres também se faziam esses mesmos questionamentos diariamente.

Entendi com a realização desse trabalho que qualidade de vida não é ter dinheiro, que realização profissional não é só fazer o que gosta, que segurança não depende exclusivamente do grau de exposição do indivíduo. Tudo é muito complexo, muito singular. Cada uma tem uma história tão complexa quanto se pode imaginar, nada é simples, nada é fácil. E existe sim esse “poder simbólico” que aprisiona diversas pessoas e dita a realidade de muitos.

Um ponto importante é que, ao menos nesse documentário, as mulheres prostitutas que se encontram tão afastadas dos veículos de mídia e dos holofotes dos debates públicos tiveram a possibilidade de expressar suas opiniões e contar suas experiências. A invisibilidade vivida por elas é real e

marcante, e ao menos nesse trabalho, ainda que por pouco tempo, as suas vozes puderam ser ouvidas. Este era talvez o principal objetivo do minidocumentário e nesse ponto eu sei que ele cumpriu o que propunha.

Uma verdade importante sobre a prostituição é que, ao menos no Brasil, ela é cruel. Mesmo para aquelas que optaram por essa profissão, que não a fizeram por qualquer necessidade, isso não muda o fato de que existe uma composição histórica da prostituição no Brasil e que esta foi marcada pela cultura da exploração que fundamentou toda a história de nosso país. Qualquer pessoa que adentre nesse meio, por própria vontade ou impelida pelas circunstâncias está sujeita a essa cultura cruel, aceitando ela ou não, gostando ou não.

Por fim, a importância real desse trabalho e talvez a sua maior contribuição é mostrar que, mesmo inseridas em uma realidade diferente, mesmo com tantas mazelas e pesares, essas mulheres, as prostitutas, também têm sonhos, desejos, famílias, filhos, pais. Também são “gente”, ainda que invisíveis.

REFERÊNCIAS

WILLIAMS, Raimond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

GOMES, Itania Maria Mota. **Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura do sentimento**. (p.29-48) In: GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI JUNIOR, Jader. **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. (1ª ed. 2003), 2ª edição, 110-188p. São Paulo: Bom Tempo, 2008.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75. São Paulo, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANCLINI, Nestor G. **Consumidores & cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

RICHARDS, J. **Sexo, Desvio e Danação. As minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MACHADO, R.;LOUREIRO.**Danação da Norma: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978.

PUGA, Vera Lúcia; TRIZOLI,Talita. **Vestidos de noiva**. Caderno Espaço Feminino, v.13, n.16, Jan./Jun. 2005, p.43 a 71.Uberlândia: EDUFU, 2005.

FOUCAULT, M.**História da sexualidade 1: a vontade de saber**. (7ª ed., M. Albuquerque & J. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal, 1988.

RIBEIRO, Darcy - **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RAGO, M. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: DEL PRIORE, M. (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

GUIMARÃES, K; MERCHÁN, Hamann, **Comercializando fantasias: A representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania**. Estudos Feministas, 13(3), 525-544, 2005.

FALEIROS, V.P. **O fetiche da mercadoria na exploração sexual**. In R.M Libório, & S.M.G Sousa (Eds.), **Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil**: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais (pp.51-72).São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo e Goiânia, Brasil: Universidade Católica de Goiás, 2004.

LIBÓRIO, R. M. C. **Exploração sexual comercial infanto-juvenil: Categorias explicativas e políticas de enfrentamento**. In R. M. Libório, & S. M. G Sousa (Eds.), Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais (pp. 19-50). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo e Goiânia, Brasil: Universidade Católica de Goiás, 2004.

LEAL, M. L; LEAL, M.F. (2004). **Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual e comercial no Brasil-realidades e desafios**. In R. M. C. Libório, & S. M. G. Sousa (Eds.), Exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais (pp.267-288). São Paulo, Brasil: Casa do psicólogo e Goiânia, Brasil: Universidade Católica de Goiás.

LEAL, M.D. **Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial: Relatório nacional**, Brasil. Brasília, CECRIA, 1999.

FARIA, Nalu. **Desafios do livre mercado para o feminismo**. Caderno Sempre Viva. Sempre Viva Organização Feminista: São Paulo, 2005.

Adital. **Tráfico infantil para fins sexuais é associado a altas densidades populacionais**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/site/noticia.asp>> Acesso em 30 de abril de 2017.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

WIKIPEDIA. **Lista de Novelas Brasileiras**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_telenovelas_brasileiras>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2017.

XAVIER, N. **Almanaque da telenovela brasileira** – São Paulo, Editora Panda, 2007.

REIMÃO, Sandra. **Livros e Televisão: Correlações**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

SOUZA, Maria Carmem Jacob. **Telenovela E Representação Social**. São Paulo, ISBN, 2004.

WIKIPEDIA. **Salve Jorge.** Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Salve_Jorge>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2017.

WIKIPEDIA. Gabriela. Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriela_\(2012\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriela_(2012))>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

WIKIPEDIA. Babilônia. Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Babil%C3%B4nia_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Babil%C3%B4nia_(telenovela))>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2017.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários:** Conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo, Summus, 2012.

.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas, Papirus, 2005.

APÊNDICES

Tratamento

Proposta do Documentário

A propósito principal desse documentário está em permear objetivos do cunho científico, com os da realidade. Dentro disso, podemos destacar os conceitos teóricos que dão base as pesquisas realizadas previamente sobre o tema e também explorar conceitos reais obtidos a partir dos relatos das entrevistadas. Essa mistura de ciência e realidade nos dará melhores possibilidades de chegar ao ponto crítico de toda a proposta: Como vive a mulher prostituta em Santa Maria e qual é a comparação da realidade da sua vida com o que é demonstrado na mídia ao seu respeito?

Podemos destacar também alguns objetivos específicos que o documentário procura atender, seja com imagens, falas ou com a repercussão da publicação do material. São eles:

- Fomentar uma atitude de respeito pelas pessoas que vivem em situação de prostituição, sejam elas envolvidas por vontade própria ou não.
- Mostrar os motivos pelos quais as mulheres adentram ao mundo da prostituição.
- Explorar os possíveis segmentos diversos que a prostituição pode apresentar, expondo-os através da entrevista de mulheres que atuam na prostituição de diversas maneiras.
- Promover o respeito pelas mulheres prostitutas como seres humanos e contribuir para o fim do preconceito contra a sua classe.
- Mostrar alguns eventos do cotidiano dessas mulheres (se possível).

Abordagem

A abordagem do documentário será no estilo aberto. A ideia é obter o máximo de informação da realidade vivida, sem altera-la ou tirar o “lugar de fala” da mulher prostituta. Dessa forma, visamos explorar e documentar o modo de vida dessas mulheres, sem diretamente direcionar suas fala e sob hipótese alguma incentivar o desempenho de quaisquer atividades pré estabelecidas para ilustrar o seu modo de vida.

A fim de minimizar o problema de falta de recursos matérias da produção, optaremos por produzir as imagens de preenchimento com tons mais escuros ou em períodos noturnos, afim de amenizar o déficit do material na captação da luz. Além disso, tons mais escuros dão um ar de seriedade e mistério, que são dois aspectos que envolvem a prostituição de modo geral.

Conteúdo das Cenas

A descrição das cenas

Cena 1 – Timelapse da cidade (amanhecer em cima do prédio). Dados sobre Santa Maria

Narração 1 – Som da trilha que se inicia junto com a imagem. A narração fala sobre a cidade de Santa Maria, mostrando dados sobre as características da cidade e da população em geral (número de moradores, número de universitários entre outros).

Cena 2 – Trabalhos informais. Filmagens de catadores, carrocinha de cachorro quente, lavador de carro e demais trabalhos.

Narração 2 – A narração fala sobre trabalhos informais que acontecem na cidade. Narrando dados estimados sobre esses serviços.

Cena 3 – Filmagem de uma festa. Os trabalhos surgem devido a uma necessidade na qual a cidade mostra potencialidade. Existe a demanda, alguém deve mantê-la.

Narração 3 – A narração fala justamente da demanda de festas e entretenimento que se oferta para os jovens. O ponto aqui é introduzir o entretenimento adulto que é fortificado devido a demanda e ao grande número de possíveis trabalhadores da área.

Tanto a narração quanto as cenas são apenas ideias que serviram para compor o roteiro.

Roteiro de Entrevista

- 1 - Bom, inicialmente, nos diga seu nome, sua idade, cidade de origem e profissão.
- 2 - Como foi sua infância? Conte um pouco sobre sua história de vida.
- 3 - Fale um pouco sobre o que você faz quando não está trabalhando, como hobbies, esportes e outras atividades.
- 4 - Você tem filhos?
- 5 - Quem você considera como sua família?
- 6 - Você conta com o apoio de alguém no exercício da profissão?
- 7 - A sua família tem conhecimento sobre a sua profissão?
- 8 - Se você tivesse que elencar três pessoas que fizeram diferença na sua vida, quem seriam? Por que essas pessoas?
- 9 - Como foi a sua iniciação na prostituição? Quando ela ocorreu?
- 10 - Quanto você ganha com a prostituição? Quanto em média é cada programa?
- 11 - Como é a sua rotina de trabalho? O que é importante ter/saber no ramo da prostituição?
- 12 - Você se sente realizada na sua profissão?
- 13 - Você se sente representada pela forma com que a mídia representa as mulheres que se prostituem? (Trouxo alguns exemplos para te mostrar. Você pode ir comentando como preferir).
- 14 - Qual foi o caso de prostituição mostrado pela mídia que você se sentiu identificada? Pode ser filme, novela, seriado ou notícias na TV.
- 15 - Como você vê a legalização/normatização da prostituição?
- 16 - Você já sofreu abuso por partes de clientes?
- 17 - Você já foi alvo de preconceitos devido a sua profissão?
- 18 - Você se sente segura exercendo a prostituição?
- 19 - Você sente falta de políticas públicas voltadas à prostituição?
- 20 - Você vê necessidade de algum órgão ou ONG que represente as profissionais da sua área? Você acredita que isso pode fazer alguma diferença?
- 21 - Sendo a prostituição uma profissão que prevê uma troca entre cliente e produto, na sua opinião, qual é o produto da prostituição? O sexo ou a mulher?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS
TEORIAS APLICADAS EM COMUNICAÇÃO II

Termo de Autorização do Uso de Imagem

Eu, _____, portadora da Cédula de Identidade nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, na cidade de _____, AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada neste trabalho _____.

O presente termo faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), intitulado “A REPRESENTAÇÃO DA MULHER CIS PROSTITUTA NA MÍDIA: A PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO” do aluno Paulo Vinícius Giacomelli do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria.

A fim de preservar a minha imagem salvo a autorização do seu uso, desejo ocultar ou obscurecer partes do meu corpo. Sendo assim, especifico que deixarei em evidencia apenas:

Silhueta do Corpo – Em foco ()	Em desfoco ()
Detalhes das Mãos – Em foco ()	Em desfoco ()
Detalhes das Pernas – Em foco ()	Em desfoco ()

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todas as suas modalidades de reprodução. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Assinatura – _____

Santa Maria, ____ de _____ de 2017.

Universidade Federal de Santa Maria
Departamento de Comunicação
Curso de Relações Públicas

Santa Maria, ____ de Setembro de 2017

Ofício de Requerimento para a Delegacia Regional de Santa Maria

Ao Sr. Delegado Sandro Luiz Meinerz

Ref. Requerimento

Paulo Vinícius Giacomelli, portador do GR 3095155051, estudante de Relações Públicas na Universidade Federal de Santa Maria.

Venho por meio desse solicitar ao Senhor, juntamente às autoridades competentes da 3ª Delegacia de Polícia Regional, registros de ocorrências que possam ter sido feitas por mulheres prostitutas ou que tenham relação direta ou indireta com mulheres em envolvimento com a prostituição, na cidade de Santa Maria e região.

A solicitação refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso do solicitante, que tem por interesse desenvolver um documentário sobre a realidade da Prostituição em Santa Maria.

Certo da sua colaboração agradeço.

Att

Paulo Vinícius Giacomelli
Acadêmico de Relações Públicas
(55) 99104-4508